



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CAROLINA LEMOS CRAVO

Representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice de
pessoas com mais de 40 anos

Vitória

2014

CAROLINA LEMOS CRAVO

**Representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice
de pessoas com mais de 40 anos**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP-UFES), como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da professora Dra. Zeidi Araújo Trindade.

UFES

Vitória, outubro de 2014

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Prof.^a Dra. Zeidi Araújo Trindade, por ter acreditado em mim, por seu respeito às minhas dificuldades e pela compreensão dos meus limites.

A Renata Danielle Moreira Silva pela dedicação, paciência e presteza como coorientadora do meu trabalho.

Às professoras Kirlla Cristhine Almeida Dornelas e Priscilla de Oliveira Martins da Silva, pela generosa avaliação do projeto de pesquisa no Exame de Qualificação.

A Deus pela força e inspiração.

Aos amigos e colegas de turma, pelas trocas, pelo apoio ao longo do mestrado.

Aos meus familiares e amigos que me deram apoio, e souberam respeitar e compreender os meus momentos de ausência.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, pela bolsa concedida.

A todos os participantes que gentilmente autorizaram o desenvolvimento desse estudo.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	13
1.Introdução.....	13
1.1. Gênero como construção social.....	14
1.2. Transformações na família e no casamento.....	22
1.3. Surgimento de domicílios unipessoais e a evidência da solteirice.....	29
1.4. A Teoria das Representações Sociais.....	34
1.5. Representação social e a formação de estereótipos.....	41
CAPÍTULO 2: ESTUDO 01.....	46
2.1. Objetivo geral.....	46
2.2. Objetivos específicos.....	46
2.3. Método.....	46
2.3.1. Participantes.....	46
2.3.2. Instrumento de coleta de dados.....	46
2.3.3. Procedimento de coleta de dados.....	47
2.3.4. Procedimento de organização e análise dos dados.....	48
2.3.5. Resultados e discussão.....	49
CAPÍTULO 3: ESTUDO 02.....	66
3.1. Objetivo geral.....	66
3.2. Objetivo específico.....	66
3.3. Método.....	66
3.3.1. Participantes.....	66
3.3.2. Instrumento de coleta de dados.....	66
3.3.3. Procedimento de coleta de dados.....	67

3.3.4. Procedimento de organização e análise dos dados.....	67
3.3.5. Resultados e discussão.....	69
CAPÍTULO 4: DISCUSSÃO INTEGRADA.....	104
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
7. APÊNDICES.....	121
7.1. Apêndice A : Instrumento de Coleta de dados do Estudo 1.....	121
7.2. Apêndice B : Instrumento de Coleta de dados do Estudo 2.....	123
7.3. Apêndice C : Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro de quatro casas da representação social da mulher com mais de quarenta anos que nunca casou entre os participantes do sexo masculino.....	50
Tabela 2 - Quadro de quatro casas da representação social da mulher com mais de quarenta anos que nunca casou entre as participantes do sexo feminino.....	51
Tabela 3 - Quadro de quatro casas da representação social do homem com mais de quarenta anos que nunca casou entre os participantes do sexo masculino.....	58
Tabela 4 - Quadro de quatro casas da representação social do homem com mais de quarenta anos que nunca casou entre as participantes do sexo feminino.....	59
Tabela 5 - Perfil sócio demográfico dos homens quanto à idade, profissão, renda pessoal e grau de escolaridade.....	69
Tabela 6 - Perfil sócio demográfico das mulheres quanto à idade, profissão, renda pessoal e grau de escolaridade.....	70
Tabela 7 - Vantagens de ser solteira (o) na visão feminina e na visão masculina.....	72
Tabela 8 - Desvantagens de ser solteira (o) na visão feminina e na visão masculina.....	75
Tabela 9 - A relação entre vida profissional e solteirice na visão feminina e masculina.....	76
Tabela 10 - O pensamento do senso comum sobre a solteirice feminina na	

visão feminina e masculina.....	81
Tabela 11 - O pensamento do senso comum sobre a solteirice masculina nas visões feminina e masculina.....	85
Tabela 12 - Relação conjugal na visão feminina e masculina.....	88
Tabela 13 - Perspectiva de ter filhos na visão feminina e na visão masculina.....	92
Tabela 14 - Papéis sociais da mulher na visão feminina e masculina.....	93
Tabela 15 - Papéis sociais do homem na visão feminina e masculina.....	95
Tabela 16 - Pressão social na visão feminina e masculina.....	98
Tabela 17 - Discriminação na visão feminina e masculina.....	101

Cravo, C. L. (2014). Representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice de pessoas com mais de 40 anos. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES.

RESUMO

Nas últimas décadas surgiram novos arranjos familiares que se diferenciam das relações tradicionais e assimétricas de gênero. Essas novas configurações familiares impactam diretamente na instituição do casamento, que cede espaço para a construção de outros tipos de relações familiares e conjugais. Uma dessas modificações é o crescimento do número de pessoas morando sozinhas, os chamados domicílios unipessoais. Essa tendência de aumento de domicílios unipessoais sugere também um aumento considerável no contingente de homens e mulheres solteiros. Mesmo com essas mudanças, existem estereótipos negativos e preconceitos contra pessoas que não se adequam aos papéis sociais prescritos quanto à constituição da família, principalmente para quem tem mais de quarenta anos. O objetivo desse trabalho foi investigar quais as representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice de pessoas com mais de quarenta anos. A pesquisa foi organizada em dois estudos (E1 e E2). E1 foi realizada sob o aporte teórico da abordagem estrutural das representações sociais e investigou as evocações de 120 adultos (60 homens e 60 mulheres) com idades entre 18 a 39 anos, relativas aos termos indutores: *mulher com mais de quarenta anos que nunca casou e homem com mais de quarenta anos que nunca casou*, que foram analisadas com o auxílio do software EVOC-2003. E2, orientada pela abordagem processual das RS, foi organizada a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com 16 adultos solteiros (08 homens e 08 mulheres) com idades entre 40 e 48 anos. O roteiro utilizado continha perguntas sobre vantagens e desvantagens da solteirice, pensamento do senso comum sobre a solteirice, a relação entre a vida profissional e a solteirice, papéis sociais, pressão social e discriminação. Na análise das entrevistas utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. De uma maneira geral os dados dos dois estudos revelam que as representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice feminina são

marcadas por elementos como independente, sozinha, focada no trabalho, chata, enalhada, solteirona, tia, triste, complicada, exigente, personalidade difícil, gorda, opção, resolvida, incompleta, mal resolvida, problemática e livre. Já os elementos comuns nos dois estudos que permearam a representação social de homens e mulheres sobre a solteirice masculina são gay, homossexual, veado, seletivo, garanhão, galinha, livre, opção, imaturo, independente, irresponsável, problemático, sistemático e mulherengo. Dessa forma, os dados indicam que apesar de todas as mudanças que vem ocorrendo nos últimos tempos, às crenças prescritas pelo modelo patriarcal ainda se encontram latentes no pensamento do senso comum de homens e mulheres. Com isso, os homens e mulheres que não estabelecem a configuração de família nuclear tradicional, caracterizado pelo casamento heterossexual indissolúvel e pelos papéis do homem como provedor e da mulher como dona de casa e mãe, são representados predominantemente com atributos negativos, o que pode resultar na construção de estereótipos negativos. Dessa forma, a solteirice ainda não é aceita como uma opção, mas como um desvio dos padrões de gênero estabelecidos socialmente.

Palavras chaves: solteirice, gênero e representação social

Cravo, C. L. (2014). Social representations of men and women on the singleness of people over 40 years. Master's Thesis, Post-Graduation Program in Psychology, Centre of Human and Natural Sciences, Federal University of Espírito Santo, Vitória, Brazil.

ABSTRACT

In recent decades new family arrangements that differ from the traditional and asymmetrical gender relations emerged. These new family configurations directly impact the institution of marriage, which gives way to the construction of other types of family and marital relationships. One of these changes is the growing number of people living alone, the so-called one-person households. This increasing trend of single households also suggests a considerable increase in the number of single men and women. Even with these changes, there are negative stereotypes and prejudices against people who do not conform to prescribed social roles regarding family formation, especially for those over forty years. The aim of this study was to investigate social representations (SR) of men and women on the singleness of people over forty. The research was organized in two studies (E1 and E2). E1 was conducted under the theoretical framework of the structural approach to social representations and investigated the evocations of 120 college students (60 men and 60 women) aged 18-39 years regarding inductors terms: woman over forty who never married and man over forty who never married, which were analyzed with the EVOC -2003 software. E2, driven by the procedural approach of SR, was organized by conducting semi-structured interviews with 16 single adults (eight men and eight women) aged between 40 and 48 years. The script contained questions about advantages and disadvantages of singleness, common sense thinking about singleness, the relationship between work and singleness, social roles, social pressure and discrimination. In the analysis of the interviews, we used the technique of content analysis. In general the data from both studies reveal that social representations of men and women on women's bachelorhood are marked by elements as independent, alone, focused on the job , boring, stranded, spinster auntie, sad, complicated, demanding, difficult personality, fat, option, resolved, incomplete, unresolved, problematic and free.

The common elements in the two studies that permeate the social representation of men and women on male bachelorhood are gay, homosexual, deer, selective, flirt, free, option, immature, independent, irresponsible, stud, problematic, systematic and womanizer. Thus, the data indicate that despite all the changes that have occurred in recent times, the beliefs prescribed by patriarchal model are still latent in common sense thinking of men and women. Being so, the men and women who do not establish the configuration of the traditional nuclear family, characterized by indissoluble heterosexual marriage and the roles of the male provider and the woman as housewife and mother, are represented predominantly by negative attributes, which can result in the construction of the negative stereotypes. Thus, singleness is not yet accepted as an option but as a deviation of established social gender patterns.

Key words: singleness, gender and social representation

APRESENTAÇÃO

O meu interesse em pesquisar sobre a solteirice, se deve ao fato de que comecei a perceber que é cada vez mais comum, encontrarmos tanto homens como mulheres que optam em permanecer solteiros (as). Diante desse fato, despertou-me a curiosidade de compreender como os indivíduos representam a solteirice, uma vez que vivemos numa sociedade em que há uma cobrança muito grande para que as pessoas se casem e tenham filhos e o não cumprimento desses papéis sociais, faz com que as pessoas que se encontram solteiras (os) sejam alvos de preconceitos. Esses estereótipos se tornam mais efusivos principalmente após os quarenta anos, quando as expectativas sociais demandam que as pessoas já tenham cumprido essas etapas do ciclo da vida. Essa dissertação é justamente sobre esses homens e mulheres, com mais de quarenta anos que não se casaram e nem tiveram filhos.

Esse trabalho se propôs a questionar, a partir da perspectiva das Representações Sociais, quais construções sociocognitivas: estereótipos, conceitos, sentimentos e práticas são elaboradas pelo senso comum sobre esses indivíduos (estudo um) e por pessoas com mais de 40 anos que não tenham se casado (estudo dois). Por entendermos que homens e mulheres ocupam lugares sociais distintos - e por muitas vezes assimétricos, adotamos uma perspectiva de gênero na investigação da temática.

A pesquisa foi organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo apresentamos uma revisão bibliográfica que delinea o tema estudado.

No segundo e terceiro capítulos apresentamos respectivamente, o Estudo 01 e 02, demonstrando metodologicamente como foram realizados os estudos,

além dos resultados e discussão. No quarto capítulo apresentamos a discussão integrada. E no quinto e último capítulo constam as considerações finais.

1. INTRODUÇÃO

Os resultados do Censo de 2010 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010a) indicam mudanças importantes no perfil de conjugalidade¹ dos brasileiros. O número de casamentos formalizados através da união consensual saltou de 28,6% em 2000, para 36,4% em 2010. Esse aumento impactou o número de relações estabelecidas por meio do casamento civil e religioso, que têm se tornado cada vez menos frequente. Os casados caíram de 37% para 34,8%, o percentual de separados passou de 11,9% para 14,6%, e o número de divorciados quase dobrou, passando de 1,7%, em 2000 para 3,1% em 2010. Uma das explicações para o aumento do número de divórcios pode estar associada à facilidade atual para esse tipo de trâmite, que até pouco tempo atrás era um processo extremamente burocrático.

Outra questão relevante no estudo da nupcialidade no Brasil são as pessoas que não vivem e nunca viveram em união conjugal. Apesar da quantidade de solteiros ter diminuído 3,2 pontos percentuais (passou de 38,6% para 35,4% de 2000 a 2010), esse estado civil representa o primeiro lugar em contingente de pessoas com idades entre 20 a 34 anos e a segunda posição em pessoas com idades entre 34 e 60 anos (IBGE, 2010b). É importante destacar também que 27,5%² das pessoas com idades entre 40 a 60 anos - perfil etário dos participantes do segundo estudo dessa dissertação – nunca viveram em união conjugal.

¹ Os dados do IBGE sobre nupcialidade se referem às pessoas com 10 anos de idade ou mais.

² O que equivale a quase 12 milhões de pessoas nessa condição.

A partir dos dados demográficos apresentados acima, pode-se concluir que ocorreram mudanças na forma de constituição familiar e na maneira pela qual as pessoas estabelecem vínculos amorosos. Para melhor compreensão dessas novas configurações familiares e amorosas, é importante fazer uma breve contextualização das mudanças econômicas e sociais ocorridas que impactaram especialmente as mulheres no decorrer dos últimos anos e tornaram visíveis os estudos sobre gênero, citando movimentos que ocorreram na sociedade brasileira que também contribuíram para o estabelecimento desses novos arranjos.

Dessa forma, em virtude dessas transformações que vem acontecendo em torno das relações conjugais, a justificativa para a realização desse estudo se deve ao fato de terem poucos estudos que abordam essas mudanças, e conseqüentemente o tema solteirice. Logo, diante disso pretendemos explorar com uma maior profundidade como essas relações vêm sendo estabelecidas, bem como contribuir para geração de novos conhecimentos na temática estudada.

1.1. Gênero como construção social

Antes mesmo de nascer, a feminilidade e a masculinidade da criança já começa a ser desenhada na imaginação dos pais, que de acordo com o sexo já esperam quais são os comportamentos prescritos para os meninos e meninas (Andrade & Santos, 2013; Jesus, 2012).

Assim, crescemos sendo ensinados que jogar bola é brincadeira de homem, brincar de boneca é atividade de mulher. Somos ensinados que homens não choram, são racionais, enquanto que as mulheres são sensíveis. Logo, esses

ensinamentos vão moldando homens e mulheres em certos comportamentos que são vistos pela sociedade como naturais. Crescemos escutando que esses comportamentos fazem parte da natureza de homens e mulheres, quando na verdade não há nada de natural nisso, mas esse é o discurso dominante que circula na sociedade e é tido como o normal (Andrade & Santos, 2013; Jesus, 2012).

Portanto, desde o nascimento é esperado que meninos e meninas ajam de acordo com os papéis adequados à sua sexualidade. A sociedade dissemina a crença de que o sexo biológico é o que define as práticas, e se uma pessoa é homem ou mulher. Entretanto, nossa identificação como homens ou mulheres e as diferenças estabelecidas entre os gêneros não são determinados por fatores biológicos, mas são em boa parte construídas socialmente (Andrade & Santos, 2013; Jesus, 2012).

Sendo assim, antes de surgir o conceito de gênero, as diferenças entre homens e mulheres eram compreendidas a partir das diferenças sexuais existentes entre eles. As diferenças pautadas pelo viés biológico foram, durante muito tempo, as principais explicações e justificativas para a suposta inferioridade da mulher em relação ao homem (Andrade & Santos, 2013).

Diante desse cenário que delimitava que a identidade e o comportamento de homens e mulheres eram definidos a partir de características anatômicas, tal premissa passou a ser questionada.

Um dos movimentos que contribuiu para provocar reflexões importantes nesse sentido, bem como para compreender como as desigualdades entre os sexos estavam estabelecidas foi o Movimento Feminista (Filho, 2005). Os

movimentos feministas no Brasil surgiram no século XIX, na busca por igualdade de direitos entre homens e mulheres e na luta por mudanças na maneira como as relações sociais estavam estabelecidas. As feministas exigiam não apenas mudanças nessas relações sociais, mas pretendiam provocar reflexões na maneira de pensar essas relações (Galinkin, Santos & Fellows, 2010).

Essas desigualdades estavam presentes na exclusão das mulheres do exercício do voto, das oportunidades educacionais, do mercado de trabalho e no modelo tradicional de divisão sexual do trabalho, que reservava ao homem o espaço da produção econômica e à mulher os cuidados com a família, para citar as mais evidentes (Sorj, 2005).

Assim, o campo de estudo de gênero surgiu com os movimentos feministas e o termo foi utilizado pelas feministas para evidenciar como as relações sociais entre os sexos estavam organizadas e as desigualdades oriundas dessas relações (Scott, 1995).

Uma das autoras que contribuíram para ampliação do estudo de gênero foi Joan Scott. Segundo essa pesquisadora (1995), inicialmente, o termo gênero, foi utilizado para se referir à organização social entre os sexos. Posteriormente, enfatizou o caráter social das distinções baseadas no sexo, indicando uma rejeição às explicações biológicas que encontram um denominador comum para as diversas formas de subordinação feminina.

Dessa forma, o termo gênero se configura como uma forma de indicar construções culturais sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. Gênero é, de acordo com essa

definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, gênero tornou-se um termo bastante útil, uma vez que oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995)

Scott (1995) não nega que existem diferenças biológicas entre os sexos, porém para a autora não são elas que determinam as desigualdades entre eles.

Ampliando a análise, Scott (1995) afirma que o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais pautadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo também um modo de dar significado às relações de poder. Essas duas proposições estão relacionadas e com isso a autora pretende compreender como essas relações são construídas a partir dessas diferenças e como estão hierarquizadas. Scott (1995) entende ainda o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. Havendo uma relação inseparável entre saber e poder, o gênero perpassa as relações de poder. Logo, é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Outra autora que colabora para essa discussão sobre o conceito de gênero é Teresa de Lauretis (1994), que propõe pensar gênero como produto de tecnologias sociais, discursos, epistemologias, práticas institucionalizadas bem como das práticas da vida cotidiana. Amplia conceito de gênero, definindo que “o termo gênero é na verdade a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. O gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer. Assim, gênero representa não um indivíduo e

sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe” (p. 210 e 211).

A partir das reflexões trazidas por essas autoras, é possível repensar os conceitos de sexo e de gênero e compreender que o gênero corresponde a uma construção social e histórica, na qual homens e mulheres organizam e estabelecem suas relações em um determinado contexto (Andrade & Santos, 2013).

Enquanto o sexo é atribuído ao biológico, o gênero é construído historicamente sendo, portanto, variável e mutável. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. Logo, não são os nossos órgãos sexuais que determinarão se seremos homem ou mulher, ou se devemos adotar ou não determinados modelos e papéis de gênero, mas a maneira na qual nos expressamos e nos comportamos no contexto que estamos inseridos é que definirão a nossa sexualidade (Jesus, 2012).

O sexo é uma categoria insuficiente para explicar os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher. Gênero veio como uma categoria para questionar comportamentos e discursos que são naturalizados desde o nosso nascimento, como a ideia de que as mulheres são sensíveis e frágeis, homens são racionais e fortes. Na perspectiva de gênero, essas características são consequências de uma construção social que tem como pano de fundo uma sociedade regida pelo discurso dominante no qual as mulheres são sempre colocadas numa posição de submissão e inferioridade perante aos homens (Andrade & Santos, 2013; Jesus, 2012).

Assim, a construção do conceito de gênero permitiu uma análise mais profunda dessas relações estabelecidas entre homens e mulheres, uma vez que ainda é muito presente no senso comum, a ideia de que a estrutura anatômica é que define os comportamentos de homens e mulheres. Logo, a partir de diferenças biológicas, “a sociedade cria expectativas e sistemas de crenças que dizem quais os comportamentos e atividades apropriados para homens e mulheres” (Jablonski, 1998).

Vimos até o momento que os gêneros masculino e feminino são construídos sócio-historicamente, e que devem ser concebidos como relacionais, ou seja, só fazem sentido se tratados em conjunto. As informações a respeito das mulheres são necessariamente informações sobre os homens, um implica o estudo do outro. Logo, a história das mulheres não pode ser separada da história dos homens. Com isso, rejeita-se o caráter fixo e permanente da oposição binária entre masculino e feminino e as justificativas biológicas (Osterne, 2001).

Estudar gênero é uma forma de entender como homens e mulheres constroem as relações entre as pessoas, sejam elas do mesmo sexo ou de sexos diferentes. É compreender como homens e mulheres assumem comportamentos e papéis normativos culturalmente estabelecidos. É ainda compreender como as pessoas percebem as outras a partir da anatomia sexual. Isto pode determinar estereótipos ou ideias sobre os indivíduos, negando que há diferenças individuais e culturais (Andrade & Santos, 2013).

Sendo assim, a categoria gênero é de fundamental importância para o nosso estudo, para compreendermos o lugar e as práticas que as interpretações

de gênero impõem às pessoas na sociedade e, conseqüentemente, às pessoas solteiras.

A seguir, apresentaremos alguns estudos empíricos que revelam como que as características esperadas para homens e mulheres em função do gênero ainda se fazem presentes nas práticas e nos discursos proferidos na sociedade.

Pesquisas revelam que os papéis sociais esperados para homens e mulheres, delineados pela questão de gênero ainda se fazem presente nas práticas e nos discursos proferidos na sociedade.

No estudo realizado por Belo e Camino (2010), buscou-se observar as representações elaboradas socialmente sobre o sexo como determinante na escolha da profissão. Homens e mulheres responderam uma entrevista semiestruturada na qual citavam quais os tipos de profissões vistas como mais adequadas para os homens e as mulheres. Os resultados demonstraram que no caso das mulheres, as profissões mais citadas sugeriram a imagem de uma mulher tida com mais delicada, doméstica e preocupada com a qualidade de vida das outras pessoas, enquanto que o polo das profissões vistas como masculinas esteve mais relacionado à necessidade de força física para a sua realização.

Serpa (2010), ao analisar os papéis masculinos e femininos expressos por mães de meninas vítimas de violência intrafamiliar, obteve resultados que revelaram que as concepções machistas transmitidas pelas mães no processo educativo, a constante associação da representação masculina como uma figura violenta e o não reconhecimento das mães sobre suas capacidades são fatores relevantes para a manutenção da violência.

Na investigação realizada por Silva, Pontes, Lima e Maluschke (2010), que buscou compreender a rede social e papéis de gênero de casais ribeirinhos de uma comunidade amazônica, os resultados constataram que as redes sociais de cada cônjuge eram estabelecidas com pessoas do mesmo sexo, isto porque as redes sociais seriam tecidas com pessoas que exercem os mesmos papéis comuns ao gênero. Além disso, há uma clara divisão de tarefas e de papéis entre homens e mulheres, posicionando o homem como provedor e chefe de família e a mulher às tarefas domésticas.

Bordini e Sperb (2012) ao investigar as concepções de adolescentes sobre o que é ser homem e ser mulher, também encontraram resultados que revelaram predominância dos papéis tradicionais de gênero, associando o feminino e o masculino, em geral, aos atributos relativos à feminilidade e à masculinidade hegemônicas.

Diante dos estudos apresentados acima, verifica-se que em diversos aspectos, tais como o trabalho, família, violência, ainda predomina o discurso que as pessoas aprendem desde cedo que as meninas são dóceis, enquanto os meninos devem ser assertivos, ocasionando assim a manutenção de papéis apreendidos e esperados socialmente que delegam funções, papéis e atitudes específicas aos homens e às mulheres, e conseqüentemente reforçando as diferenças através de estereótipos sexistas

Sabemos que a discussão sobre gênero é muito mais ampla e complexa do que foi exposto aqui, entretanto, nos propusemos a fazer um breve resgate da construção do conceito de gênero para situar o leitor, uma vez que essas

transformações nas relações de gênero repercutem diretamente nos tipos de arranjos familiares e nos padrões de conjugalidade, como mostraremos a seguir.

1.2. Transformações na família e no casamento

Como citado anteriormente o movimento feminista contribuiu para provocar reflexões importantes e evidenciar como as relações sociais entre os sexos estavam organizadas, e as desigualdades oriundas dessas relações. As feministas procuravam entender como essa desigualdade entre os sexos opera na realidade e interfere no conjunto das relações sociais.

Sabe-se que foi a partir desse movimento que buscou-se desconstruir as formas prevaletentes impostas pelas instituições patriarcais da sociedade que se baseavam no modelo tradicional de divisão sexual do trabalho, no qual reservava à mulher o papel de dona de casa e ao homem o papel de provedor. Além dessa orientação de papéis, a categoria masculina era associada com quaisquer termos que estivessem em posição superior (Matos, 2005).

Essas crenças do modelo patriarcal deixaram resquícios e até hoje vivenciamos que a posição de mulher diante do homem é marcada por um *status* de inferioridade e desprestígio. Por exemplo: as mulheres têm salários menores que os homens, mesmo exercendo a mesma função; os cargos de chefia são ocupados na sua maioria por homens; o número de mulheres ocupando cargos políticos é pequeno; os homens têm liberdade sexual sem serem rotulados negativamente – ao contrário, eles são considerados “os garanhões”, enquanto as mulheres que exercem sua sexualidade livremente são rotuladas de “piriguetes” (Andrade & Santos, 2013).

O movimento feminista também foi um importante agente do processo de transformação das relações de gênero. Desigualdades como as citadas acima que até então eram aceitas, passaram a ser questionadas (Sorj, 2005).

Logo, o movimento feminista proporcionou o avanço das mulheres em vários segmentos, sobretudo na saúde, na educação, no mercado de trabalho, na política, mas veremos mais a frente que houve muito pouco investimento nas mudanças das relações de gênero. Com isso, os padrões tradicionais de gênero são mantidos, e a dominação masculina continua sendo exercida normalmente através dos papéis e posições que já são naturalmente legitimadas pela sociedade (Matos, 2005).

A maior participação da mulher no mercado de trabalho, o aumento do seu grau de escolaridade, entre outras mudanças, fez com que se abrissem novas oportunidades, de forma que elas não ficassem restritas somente a atividades centradas no cuidado da casa e dos filhos. Com isso, o modelo hegemônico, no qual o homem sai para trabalhar e a mulher fica em casa, dedicada ao lar e aos filhos, vai deixando de ser o único existente e cedendo espaço para o surgimento de novos arranjos familiares e novas relações entre os gêneros (Matos, 2005; Jablonski, 2010).

Vale ressaltar que essas mudanças referem-se especialmente às mulheres pertencentes à classe média, visto que mulheres de classe popular já realizavam atividades fora do espaço doméstico para garantir a subsistência familiar e continuam ocupando posições de exclusão social.

Corroborando a investigação de Jablonski (2010), Falcke e Zordan (2010) indicam que a organização da família tradicional, pautada no papel em que o

marido é o provedor e a esposa, exclusivamente, dona-de-casa e mãe, tem sido cada vez menos frequente. O número de mulheres que chefiam os domicílios passou de 22,2% em 2000 para 37,3 % em 2010 (IBGE, 2010b). Com isso, o modelo tradicional de família nuclear, em que há disparidade de poder, perceptível divisão sexual do trabalho perde força e cede espaço para a construção de outras dinâmicas familiares (Andrade, 2012).

Existem diferentes configurações que podem ser atribuídas à família. Esses novos arranjos familiares são compostos por homens e mulheres que trabalham fora, famílias reconstituídas, casais com filhos adotivos, famílias monoparentais (constituídas por um dos genitores e filhos), casais sem filhos, casais que moram juntos sem uma união oficializada, casais homoafetivos e família composta por apenas um indivíduo (Jablonski, 2005; Féres-Carneiro, 1998). Essas novas formas de arranjos familiares, impactam diretamente na instituição do casamento, pois segundo Jablonski (2005, p. 95), “todas as formas alternativas se contrapõem ao modelo tradicional, e vão redefinindo na prática o conceito de família ou as expectativas quanto ao casamento tradicional”. Com isso, o casamento tradicional passa a representar uma opção entre tantas outras existentes (Coutinho & Menandro, 2009).

As mulheres têm casado cada vez mais tarde, bem como também aumentou a idade para ter o primeiro filho. O declínio da taxa de fecundidade e a consequente diminuição no número de filhos por mulher é um dos fenômenos mais perceptíveis entre as transformações pelas quais as famílias passaram. Entre mulheres com rendimento *per capita* superior a um salário mínimo, a taxa de fecundidade fica abaixo do nível de reposição da população, variando entre 1,3

a 0,97 filhos (IBGE, 2010b). Sendo assim, é cada vez mais comum encontrarmos mulheres que, caso venham a optar pelo casamento, reivindicuem um relacionamento com bases igualitárias. Pressupostos tradicionais de feminilidades, como por exemplo, cuidar de casa e do outro têm sido questionados (Gonçalves, 2011).

É cada vez mais comum que tanto homens quanto mulheres estejam em busca de uma melhor inserção no mercado de trabalho. Com isso, o casamento deixa de ser um destino natural e passa a fazer parte de mais uma, dentre outras opções de projetos de vida. Dessa forma, os casamentos têm acontecido cada vez mais tarde e surge a possibilidade de se escolher e experimentar outras formas de relacionamento, incluindo o não casamento (Andrade, 2012).

Vale ressaltar que apesar de terem ocorrido essas mudanças na família e no casamento, homens e mulheres ainda sofrem pressão para estabelecer uma relação conjugal pautada nos padrões estabelecidos pela sociedade, denunciando que, ainda há resquícios de uma ideologia tradicional que orienta os modelos de casamento e de família considerados “corretos”. Nesse contexto, a mulher ainda sofre mais pressão da sociedade, que enfatiza que ela só será completa e feliz quando conseguir um homem para viver para sempre ao seu lado. São os papéis socialmente construídos no tradicional modelo de felicidade lar-marido-filhos, que valoriza o estatuto conjugal (Gonçalves, 2011).

As análises longitudinais revelam que os homens têm se envolvido um pouco mais com as atividades domésticas, mas ainda assim é fato que a esfera de divisão sexual dos trabalhos domésticos e dos cuidados com os filhos, pelo

menos no Brasil, permanece praticamente inalterado (Araújo & Scalon, 2005; Matos, 2005).

Se a figura da mulher que apenas cuida dos filhos e da casa vem apresentando uma lenta mudança, apesar dessa crença estar bem arraigada no imaginário social, a conciliação do trabalho remunerado com as atividades domésticas é a realidade para a maioria das mulheres. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, além dela ser a principal responsável pelas rotinas domésticas, ainda há a exigência da sua contribuição financeira para a família (Araújo & Scalon, 2005; Matos, 2005).

Apesar de terem ocorrido tantas mudanças que impactaram no modelo tradicional de divisão sexual do trabalho, as mulheres que conciliam o trabalho fora de casa com o trabalho no lar parecem ainda reféns dos papéis tradicionais de gênero, isto é, “cuidar da casa e dos filhos ainda são atividades percebidas como tipicamente femininas, sendo pouquíssimo ou quase nada negociadas com os parceiros masculinos” (Matos, 2005, p.112).

O tempo que a mulher se dedica às atividades domésticas, mesmo quando o casal trabalha fora é muito maior que o masculino. Logo, houve conquistas, porém ainda existem desigualdades de gênero e o ideal igualitarista ainda está longe de se realizar (Rocha-Coutinho, 2004).

Entretanto, essas desigualdades de gênero acabam sendo validadas pelas mulheres. Num estudo realizado por Bila Sorj (2005), foram apresentadas para homens e mulheres uma escala com dez questões afirmativas referente a gênero, trabalho e família.

Quando se afirmava que “o trabalho do homem é ganhar dinheiro e o trabalho da mulher é cuidar da casa e da família”, 52,4% dos homens e 45,1% das mulheres concordaram com a afirmação. Logo, a percepção que homens e mulheres correspondem a esferas de ação distintas ainda desfruta de ampla legitimidade entre nós.

Com relação à afirmativa “ambos, homens e mulheres, devem contribuir para a renda familiar” 92,4% dos homens e 93,6% concordaram com tal afirmação, ou seja, um número expressivo de participantes. Contudo, a proporção diminui consideravelmente quando o assunto é o envolvimento do homem com os afazeres domésticos. Apenas 66,9% dos homens e 79,7% das mulheres concordam que “os homens deveriam assumir mais trabalhos domésticos do que o fazem”.

Esses resultados demonstram como a contribuição financeira feminina para a família já se encontra amplamente legitimada, enquanto que é um fato o distanciamento dos homens com os afazeres domésticos.

Sorj (2005) relata que a resposta que mais divide as mulheres é a afirmativa “*o trabalho do homem é ganhar dinheiro e o trabalho da mulher é cuidar da casa e da família*”, uma vez que 45,1% concordam e 49,7% discordam da afirmação. É surpreendente como quase metade das mulheres concorde com tal afirmativa, tendo em vista todas as mudanças ocorridas com as mulheres ao longo dos últimos anos. Esse resultado demonstra como as crenças disseminadas pela ideologia patriarcal ainda estão arraigadas no pensamento social das mulheres. Pressupõe também que os ideais de igualdade advindos com o movimento feminista são menos compartilhados do que se imagina.

Os resultados evidenciados por Sorj (2005), remetem à reflexão que Matos (2005) propõe com relação ao movimento feminista. Segundo esta autora, o movimento feminista deixou uma lacuna nas relações de gênero, uma vez que as feministas obtiveram inúmeras conquistas para a mulher mas, em contrapartida, alguns de nossos papéis culturais femininos mais íntimos de gênero permaneceram intocados (Matos, 2005).

No entanto, tanto Sorj (2005) como Matos (2005) acreditam que determinados fatores socioeconômicos, como o grau de escolaridade e a condição de ocupação, ou seja, de estar ou não inserido (a) no mercado de trabalho, minimizam as disparidades que existem nas relações de gênero e contribuem para valores morais e percepções mais igualitárias.

Homens e mulheres com maior grau de escolaridade apresentariam um maior distanciamento do modelo tradicional de gênero que atribui aos homens o papel de provedor do lar e, às mulheres, o de responsáveis pelos cuidados com a família (Sorj, 2005; Matos, 2005).

No caso dos homens, a condição de ser ativo não altera muito os seus valores, já no caso das mulheres a condição de estar ou não inserida no mercado de trabalho tende a ser muito importante, o que mostra a relevância do trabalho remunerado como elemento de redefinição de valores.

Os estudiosos das áreas de gênero e família, tem se empenhado para ampliar o conhecimento explicando as desigualdades estabelecidas nas relações sociais entre homens e mulheres, por outro lado, nas vivências cotidianas, independente da classe social, o poder masculino está cristalizado e perpassa naturalmente na relação entre as pessoas (Osterne, 2001).

É visível que houve mudanças tanto no plano da esfera pública como no plano da esfera privada, contribuindo para o deslocamento dos padrões hierárquicos nas relações de gênero. Entretanto, essas mudanças não foram suficientes para superar as assimetrias de gênero (Osterne, 2001).

O fato é que homens e mulheres crescem aprendendo que determinadas crenças e normas são orientações naturais, e que devemos segui-las, pois são consideradas o padrão moral, ético e normal. Logo, é preciso um olhar crítico perante essas crenças e normas que são tidas como naturais, a favor da busca da igualdade de direitos para homens e mulheres (Andrade & Santos, 2013).

1.3. Surgimento de domicílios unipessoais e a evidência da solteirice

Diante do cenário exposto, percebe-se que os modelos tradicionais de família e casamento perdem cada vez mais força, cedendo espaço para a construção de outros tipos de relações familiares e conjugais. Uma dessas modificações é o crescimento do número de pessoas morando sozinhas, os chamados domicílios unipessoais. Segundo o IBGE (2010b), entre 2000 e 2010, a porcentagem de unidades domésticas unipessoais passou de 8,6% para 12,1%.

Para Andrade (2012), esse aumento no número de domicílios unipessoais é resultado de mudanças no sistema capitalista em virtude da globalização, dos avanços nas ciências e tecnologias, principalmente no setor de comunicação, do crescimento das cidades, do aumento do número indústrias que tiveram impacto em diversos aspectos sociais. Logo, esse conjunto de transformações econômicas, sociais, culturais e comportamentais que vem ocorrendo nos últimos

anos tem produzido modificações na forma como as relações familiares e amorosas tem sido construídas.

Essa tendência de aumento de domicílios unipessoais sugere também um aumento considerável no contingente de homens e mulheres solteiros.

Apesar da cobrança para o estabelecimento de uma relação pautada nos padrões tradicionais ter diminuído, ainda há bastante pressão social para que adultos se casem. Diante dessa exigência, as pessoas solteiras podem ser alvos de estereótipos. A condição de estar solteira no caso das mulheres, está associada às expressões pejorativas “ficou para titia”, “encalhada”, “solitária”, “infeliz”, “problemática” e, no caso dos homens, são considerados como irresponsáveis, descompromissados afetivamente, *bon vivants* e quase sempre pairam dúvidas sobre a sua sexualidade (Andrade, 2012). Contudo, diante das transformações que os papéis masculinos e femininos vêm passando, impactando diretamente no surgimento de novas configurações familiares, novas visões sobre a solteirice podem estar em construção e conviver com os tradicionais estereótipos sobre esse objeto.

Na última década, a solteirice no Brasil como fenômeno contemporâneo foi objeto de estudo de vários trabalhos como os de Andrade (2007, 2012), Campelo (2006), Gonçalves (2007), Santos (2012) e Tavares (2008).

Andrade (2007), em sua dissertação procurou entender como as transformações globais causam impactos nos estilos de vida, nos relacionamentos amorosos e na identidade de pessoas solteiras de classe média, residentes em Salvador, Bahia. O estudo foi de caráter qualitativo, utilizando entrevista, histórias de vida e observação de campo como instrumentos de coleta

de dados. Participaram da pesquisa, 20 pessoas com idades de 23 a 46 anos. Os resultados indicaram uma aproximação maior dos entrevistados com elementos da contemporaneidade, apontando que tanto homens como mulheres estão em busca de melhor inserção profissional, rompendo mais com os estereótipos e tradições em torno da família e do casamento.

Já em sua tese Andrade (2012) investigou o fenômeno da solteirice na contemporaneidade a partir de vivências e da elaboração de sentidos para os homens e mulheres que se encontraram nesta condição, também na cidade de Salvador. Os resultados apontaram que a liberdade foi o mais importante significado encontrado para o termo solteirice. Outro resultado encontrado foi que a solteirice é experienciada de forma diferente por homens e mulheres, principalmente no que tange à questão da sexualidade, uma vez que socialmente é permitido que homens façam sexo fora do casamento, enquanto que para as mulheres essa condição ainda não é aceita como natural.

Campelo (2006), em dissertação de mestrado, investigou como mulheres da classe média carioca que ainda permanecem solteiras vivenciam questões referentes à carreira e aos relacionamentos afetivos e sexuais. O estudo foi de cunho qualitativo, no qual os dados das entrevistadas foram analisados através do discurso. Os resultados indicaram que essas mulheres permanecem na condição de solteira por uma questão de opção, em função de terem feito outras escolhas em outros campos de suas vidas, como o profissional e o familiar, e não estão dispostas a mudar seu estado civil a qualquer preço e por qualquer parceiro, e abrir mão da individualidade e da autonomia que conquistaram.

Em tese de doutorado, Gonçalves (2007) investigou como são construídas as noções de “mulheres sós” no Brasil contemporâneo, em três conjuntos de dados: estudos populacionais, textos da mídia brasileira e narrativas de mulheres de camadas médias, sem filhos, que moram sozinhas na cidade de Goiânia, Goiás. Os resultados apontaram que as mulheres não estão solteiras por estarem à espera de um par ou porque foram preteridas em função das mais jovens, mas em função de escolhas que foram priorizando em suas vidas, como a demarcação de um espaço no mercado de trabalho. Com isso, confirma o surgimento de uma nova personagem social, que seria a “nova solteira”, ou seja, mulheres que gozam de autonomia, liberdade e independência, passando a ser responsáveis pelo seu próprio destino.

Santos (2012), em dissertação de mestrado, descreve e analisa a representação social da mulher solteira na cidade do Rio de Janeiro. Foi utilizado um instrumento com termos indutores relacionados à solteirice, respondido por 210 mulheres com idades ente 20 e 49 anos. Os resultados apontaram que a representação da mulher solteira com 30 anos ou mais e sem filhos é marcada por elementos contraditórios: ao mesmo tempo em que se enaltece a autonomia e a independência, refletindo o atual momento da mulher, a imagem da mulher solteira ainda é muito associada ao estereótipo da mulher “encalhada”, evidenciando assim resquícios da ideologia patriarcal.

Tavares (2008), em tese de doutorado, investigou se houve transformações nas percepções e práticas da solteirice, procurando analisar como o gênero e as questões intergeracionais influenciam na produção de diferentes experiências de solteirice. Participaram do estudo 26 mulheres e homens solteiros, 13 de Aracaju

(SE) e 13 de Salvador (BA). Os resultados apontaram que a solteirice é compreendida e vivenciada de forma distinta por homens e mulheres, o que os leva a adotar estilos e projetos de vida também diferenciados. De acordo com a autora, as mulheres não fazem apologia à vida de solteira, e somente aquelas que são mais liberadas sexualmente, independentes e bem sucedidas profissionalmente é que preferem ficar sozinhas a abrir mão da sua liberdade, da sua realização pessoal e profissional. Já os homens, preferem investir nos estudos e na carreira profissional, e adiam ao máximo o casamento, pois ao contrário das mulheres não são excluídos do mercado matrimonial. Diante desses resultados, a autora conclui que as “novas solteiras” estão propensas a continuar sozinhas.

Percebe-se que ainda são poucos os estudos que abordam a temática solteirice, principalmente sobre o homem solteiro no Brasil. Diante disso, vê-se a necessidade de aprofundar a investigação sobre esse objeto no intuito de compreender como as pessoas e os grupos interpretam esse fenômeno a partir das noções, símbolos e esquemas de referências ideologicamente prescritas pelos meios sociais e culturais sobre o mesmo, em conjunto com experiências individuais sobre a temática.

As representações sociais (RS) são explicações dos fenômenos presentes na sociedade com os quais os indivíduos se deparam no seu cotidiano e sobre os quais precisam pensar, compreender e opinar, e sobre as quais sustentam suas práticas (Vieira, 2008). Com isso, os indivíduos transformam situações não familiares em familiares, elaborando teorias e significados que geram sentido para a sua compreensão de objetos sociais significativos e, conseqüentemente,

orientam suas práticas em relação a esses mesmos objetos (Moscovici, 2003). Portanto, para a melhor compreensão das práticas e vivências de homens e mulheres solteiros e os significados sociais atribuídos à solteirice o presente estudo será realizado utilizando a Teoria das Representações Sociais como aporte teórico.

1.4. A Teoria das Representações Sociais

Como se vem discutindo até este ponto, percebemos que apesar de todas as mudanças ocorridas no âmbito social, cultural, econômico e político os papéis sociais prescritos para homens e mulheres ainda são muito presentes na nossa sociedade, evidenciando as desigualdades nas relações de gênero e a denominação de estereótipos para homens e mulheres acima dos quarenta anos que não casaram e não tiveram filhos.

Portanto, para compreendermos melhor como a divisão sexual assimétrica das relações sociais, que atribui a homens e mulheres distintos lugares com base no sexo biológico operam na realidade, e conhecer quais são os estereótipos que circulam no meio social, utilizaremos como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais, uma vez que correspondem a uma forma de conhecimento construída pelos indivíduos e grupos humanos na informalidade de seu cotidiano, traduzindo o pensamento do senso comum.

Assim, acreditamos que o estudo das representações sociais que as pessoas têm feito da solteirice permitirá entender como os indivíduos que vivenciam este fenômeno, elaboram teorias e significados que geram sentido para

a sua compreensão e, conseqüentemente, orientam suas práticas. De acordo com Trindade (1996):

“As Representações Sociais têm ocupado um espaço importante e têm sido um instrumento fundamental para a compreensão da complexidade, das aparentes discrepâncias e dicotomias que surgem no processo do conhecimento de um dado fenômeno social, com pressuposto fundamental, o efeito do cotidiano em sua construção” (TRINDADE, 1996, p. 47).

As primeiras formulações da Teoria das Representações Sociais surgiram na Europa, com a publicação do livro *La psychanalyse, son image et son public*, em 1961, elaborado por Serge Moscovici.

Essa teoria surgiu em contraposição à Psicologia Social norte-americana que se ocupava basicamente dos processos psicológicos individuais, que não eram capazes de dar conta das relações informais, cotidianas, da vida humana, em um nível mais propriamente social ou coletivo (Sá, 1993).

Moscovici inicia o processo de elaboração teórica do conceito de representação social, propondo uma aproximação da Psicologia com a Sociologia, apoiada nas noções de representações coletivas propostas por Durkheim. Entretanto, no entendimento de Moscovici o conceito de representação coletiva continha vários aspectos que o impediam de dar conta dos novos fenômenos que apareciam (Sá, 1993).

O conceito de representação coletiva procurava explicar diversos fenômenos psíquicos e sociais como a religião, a ciência, os mitos, sem procurar entender os processos que dariam origem a esses diversos modos de pensamento. Além disso, a concepção de representação coletiva era bastante

estática, o que possivelmente correspondia à permanência dos fenômenos em cujo estudo se baseou, mas não adequada à mobilidade e circulação das representações contemporâneas emergentes (Sá, 1993; Alves-Mazoti, 2008).

Afastando-se da perspectiva individualista norte-americana e da visão sociologista de Durkheim, Moscovici buscou elaborar uma perspectiva psicossociológica, na qual os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros portadores de crenças e ideias, mas pensadores ativos e construtores de suas realidades (Sá, 1993).

Os primeiros aspectos teórico-conceituais desenvolvidos permitiram investigar de que forma os indivíduos se apropriam de elementos pertencentes ao universo reificado da ciência para construir os fenômenos de representações sociais nos universos consensuais nas interações sociais cotidianas, que permitem ao indivíduo/grupo a orientação das condutas e a construção de uma identidade social e de um sentimento de pertença (Alves-Mazoti, 2008)

Sá (1993) retoma a diferenciação feita por Moscovici, que considera coexistir nas sociedades contemporâneas duas classes distintas de universos de pensamento: os universos consensuais e os universos reificados.

Nos universos reificados, a sociedade se vê como um sistema de diferentes papéis e categorias, onde o grau de participação na produção de conhecimento é determinado pelo nível de qualificação. Neste universo é que se produzem as ciências e o pensamento erudito, delimitados pela objetividade, rigor lógico e metodológico, e uma teorização abstrata (Sá, 1993; Moscovici, 2003)

Já nos universos consensuais, a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, podendo expressar suas opiniões e revelar seus

pontos de vista. Os universos consensuais correspondem às atividades intelectuais da interação social cotidiana, pelas quais são produzidas as Representações Sociais (Sá, 1993). É importante ressaltar que as informações para a construção dos universos consensuais são oriundas dos universos reificados e do saber cotidiano.

Sá (1998) esclarece que os pressupostos básicos formulados por Moscovici, intitulados por Doise de a “Grande Teoria”, foi desdobrada em três grandes correntes teóricas complementares. A primeira vertente, denominada Societal, liderada por Willem Doise em Genebra, busca articular as representações com uma perspectiva mais sociológica. A segunda corrente conhecida como Processual, desenvolvida por Denise Jodelet, deu continuidade às proposições de Moscovici, mantendo-se mais fiel à teoria original, e a terceira corrente chamada de Estrutural, que evidencia a dimensão cognitiva das representações, iniciou-se com as pesquisas de Jean Claude Abric em *Aix-de-Provence*. Essas duas últimas serão utilizadas como referencial de análise dos presentes estudos.

A abordagem de Denise Jodelet, denominada de Processual importa-se com a origem da representação social, seus processos de elaboração e abarca o estudo dos conteúdos da representação social, ou seja, implica o estudo dos aspectos “constituintes da representação – informação, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos etc” (Jodelet, 2001, p. 38).

Para Jodelet (2001), toda representação é representação de alguém e de alguma coisa. Dessa forma, toda representação se refere a um objeto e tem um conteúdo.

Devido às diversas perspectivas teóricas existentes para se estudar os objetos de representações sociais não há uma única definição do conceito de representação social. Um dos mais utilizados é o de Jodelet (2001, p. 22), que as define como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

São dois os processos sóciocognitivos utilizados na elaboração das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação é um processo que materializa os conceitos abstratos em realidades concretas. Ela converte um conceito em uma imagem, para que esta imagem transforme-se num componente da realidade, ao invés de ser apenas um componente do pensamento. Há uma simplificação de informações, favorecendo certas informações em detrimento de outras, decompondo-as de sua estrutura original. Já a ancoragem consiste no processo de apreensão de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias previamente conhecidas, que estão facilmente acessíveis na memória. Ela possibilita ao indivíduo incorporar o objeto da representação em um sistema que lhe é familiar, designando e classificando esse sistema em categorias em função da similaridade que este objeto tem com a sua inserção social (Chaves & Silva, 2011; Santos & Almeida, 2005).

De acordo com Abric (1998), as representações sociais possuem quatro funções essenciais: permitem compreender e explicar a realidade, isto é, os indivíduos obtêm conhecimentos e os organizam em um sistema que seja compreensível para eles de acordo com seus valores e seu funcionamento cognitivo; situar os indivíduos e os grupos no campo social, proporcionando a

construção de uma identidade social coerente com o sistema de valores e normas socialmente e historicamente determinados; guiar os comportamentos e as práticas, através de três fatores essenciais que explicaremos mais detalhadamente abaixo e a última função é que as representações sociais permitem justificar posteriormente as tomadas de posição e os comportamentos, adotados frente ao outro grupo, sendo a representação determinada pelas práticas das relações.

A função caracterizada por guiar os comportamentos e as práticas, resulta de três fatores essenciais: as representações estabelecem *a priori*, os tipos de relações apropriadas para o indivíduo e também, ocasionalmente, dentro de situações onde há uma tarefa a ser cumprida, mediando o tipo de estratégia cognitiva a ser empregada. Uma representação gera um sistema de antecipações e expectativas que selecionam e filtram as informações, adequando a representação à realidade. E a representação prescreve o comportamento, deliberando o que é lícito, tolerável e inaceitável em um dado contexto social.

Jodelet (2001) aponta que as RS são fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social, sendo entendidas também “como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais” (p. 5). Em termos metodológicos, a autora citada por Santos e Almeida (2005) insiste na necessidade de: apreender os discursos, os comportamentos e as práticas sociais que os indivíduos estabelecem com um dado objeto; examinar os documentos e registros, onde estes discursos, práticas e comportamentos foram criados; examinar como os meios de comunicação transmitem o processamento dessas

informações, para averiguar se as representações são mantidas ou transformadas.

Abric considera o conteúdo cognitivo das representações, como um conjunto organizado e não uma simples coleção de ideias e valores (Sá, 1998). O conteúdo dessas representações está organizado em tornos de dois sistemas: o central e o periférico. O sistema central contém o núcleo central da representação, ligado à memória coletiva e a história do grupo, contém o que é consenso e homogêneo dentro do grupo e por isso é estável, rígido e coerente, resistente às mudanças e sofre pouca influência do contexto social imediato. Este sistema é responsável por produzir o conteúdo da representação e determinar a sua organização (Chaves & Silva, 2011). Possui duas funções fundamentais: uma função geradora na qual é o elemento através do qual se cria ou se transforma o significado dos outros elementos constitutivos da representação; e uma função organizadora, no qual une e estabiliza os elementos da representação (Abric, 1998).

O sistema periférico, igualmente relevante, admite a heterogeneidade do grupo, com isso torna-se flexível suportando contradições. É sensível ao contexto imediato, permitindo a adaptação à realidade concreta e à diferença de conteúdo, protegendo o sistema central (Franco, 2004). Possui três funções importantes: a função de concretização, na qual os elementos periféricos resultam da ancoragem da representação da realidade, constituindo a interface entre o núcleo central e a realidade, tornando-os assim compreensíveis e transmissíveis; a função de regulação que tem um papel primordial na adaptação da representação às

evoluções do contexto social; e a função de defesa que funciona como um sistema de defesa da representação oriunda do núcleo central (Abric, 1998).

Tendo em vista o que foi apresentado acima, entendemos que a representação social é um tipo de conhecimento construído na informalidade do cotidiano dos indivíduos, sendo a maneira pela qual as pessoas transformam situações não familiares em familiares, e diante disso possam conduzir seus conhecimentos, e conseqüentemente orientar as suas práticas.

1.5. Representação social e a formação de estereótipos

A introdução do termo estereótipo nas ciências sociais fez-se por influência da obra *“Public Opinion”* do jornalista Walter Lippman, em 1922, na qual o autor procurou mostrar a importância das imagens mentais que os grupos sociais faziam um do outro durante a Primeira Guerra Mundial (Leite, 2008).

Para este autor os estereótipos são definidos como imagens do mundo, sendo que é a partir dessas imagens que estão em nossas mentes que moldamos os nossos desejos, hábitos, costumes, que darão significado às nossas condutas (Techio, 2011; Leite, 2011).

O termo estereótipo tem origem grega, *stereos* e *túpos*, que significam, respectivamente, “rígido” e “traço” (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999).

São inúmeras as definições acerca do que venha a ser um estereótipo. Para Tajfel (1982) os estereótipos são imagens mentais simplificadas de indivíduos ou acontecimentos, compartilhadas por grande número de pessoas. São definidos como a atribuições de características psicológicas gerais a grandes grupos humanos.

Já para Krüger (2004, pág. 36 e 37) o estereótipo pode ser entendido como um tipo de “crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído extensivamente a um grupo humano, formado mediante a aplicação de um ou mais critérios”.

Diante das definições apresentadas pelos três autores acima, percebemos que elas possuem elementos comuns. Com isso, de forma geral o estereótipo é definido como “crenças compartilhadas acerca de atributos – geralmente traços de personalidade ou comportamentos costumeiros de certas pessoas ou grupos de pessoas” (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999, p. 138).

De acordo com Pérez-Nebra e Jesus (2011) os estereótipos possuem duas funções: a) tem por finalidade auxiliar os indivíduos a organizar e a simplificar a complexidade de informações no mundo ao seu redor por meio de categorias, proporcionando economia de energia, permitindo ao indivíduo outras possibilidades de interação; e b) categorizar os grupos de acordo com as informações que se tem e, a partir dessas categorias, organizar a maneira como se dará a interação com o próprio grupo social ou qualquer outro grupo.

Dessa forma, nos organizamos em grupos para que a nossa realidade seja mais bem compreendida e ordenada. A partir desses agrupamentos fazemos julgamentos e denominamos características distintas para membros de grupos distintos. Assim é possível formarmos ideias a respeito dos grupos (Pérez-Nebra & Jesus, 2011).

Quando nos diferenciamos em grupos, alimentamos a crença que os outros são diferentes de nós. Essa crença estereotipiza e simplifica as imagens do outro. Assim, quando atribuo ao meu grupo uma variabilidade maior de diferenças,

percebendo-o como heterogêneo e diversificado, confiro a ele estereótipos positivos, mas o mesmo não ocorre em relação ao outro grupo. Aos membros de outro grupo a tendência é suplantar as diferenças individuais por meio da homogeneização, concorrendo para o estabelecimento de estereótipos negativos (Tajfel, 1982).

Percebe-se, então, que os estereótipos têm sido a maneira mais rápida e confortável que nós, seres humanos, utilizamos para padronizar pessoas, grupos e comportamentos.

Se por um lado o estereótipo, ao proporcionar uma economia cognitiva, facilita o cotidiano e a interação com os grupos e com as pessoas, por outro pode levar a generalizações incorretas e indevidas sobre grupos e indivíduos, impedindo a visualização das diferenças existentes, conduzindo a atitudes preconceituosas e discriminatórias (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999).

Essa diferenciação que se estabelece entre indivíduos e grupos são baseadas em representações sociais, reforçadas pelos estereótipos e endossadas por um discurso dominante ideológico, que impede, por exemplo, de ver as mulheres fora dos tradicionais papéis que lhes são culturalmente impostos (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999).

Vale ressaltar que tal como as representações sociais, os estereótipos, têm como função formar e orientar, tanto a comunicação como os comportamentos (Baptista, 2004). Porém, Tajfel (1982) destaca que são níveis de abordagem diferentes: se os estereótipos podem ser vistos como formas de representação social, nem toda representação social gera estereótipo.

Dessa forma, quando o estereótipo é visto como uma forma de representação social, ele é mais dinâmico, permite espaço para contradição e é multifuncional. Além disso, o estereótipo enquanto fenômeno de categorização, faz com que a representação social surja como manifestação deste processo. Já quando a representação social não gera estereótipo, ele é fechado, e acaba gerando preconceito e discriminação (Baptista, 2004).

As representações sociais são compostas por elementos que, embora sejam comuns a um determinado grupo, podem não se revelar facilmente nos discursos diários, por serem considerados como não adequados ou politicamente incorretos em relação a normas sociais vigentes, dando origem aos estereótipos negativos e ao preconceito (Menin, 2006).

Segundo Menin (2007), o sistema ou núcleo central é formado por aspectos normativos, isto é, que são as crenças, os valores morais ou normas de um determinado grupo. E esses aspectos normativos apresentam duas funções: descritiva, que revela o que faz e pensa a maioria dos membros de um coletivo social, e prescritiva, que indica o que se deve ou não fazer no interior de um grupo. Destarte, entende-se que esses aspectos normativos ditam o que é normal, mais frequente ou habitual numa população. Logo, se compreendemos que dentre essas crenças, valores e normas encontram-se aqueles relacionados às questões de matrimônio e de constituição de família como características socialmente prescritas e esperadas para um indivíduo adulto, a pessoa que não conseguir cumprir com esses papéis está sujeita aos estereótipos e ao preconceito do grupo.

Dessa forma, ao elaborarem uma representação social os grupos tendem a criar realidades que confirmem a validade das explicações e elementos contidos nela, o que contribui para a naturalização de certos padrões de comportamento estabelecidos como referência. Com isso, caso os indivíduos não se comportem de acordo com os padrões pré-estabelecidos se tornam alvo de preconceitos e estereótipos (Arruda, Gonçalves & Mululo, 2008).

Posto que as representações sociais são uma forma de conhecimento elaborada pelos indivíduos no cotidiano de suas relações, traduzindo o pensamento do senso comum, acredita-se que o estudo das representações sociais que as pessoas têm da solteirice permitirá entender a possível existência de preconceito e de estereótipos (Lacerda, Pereira & Camino, 2002).

2. ESTUDO 01

2.1. *Objetivo geral*

- Analisar as representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice

2.2. *Objetivos específicos*

- Investigar quais são as representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice de pessoas com mais de 40 anos;
- Verificar possíveis estereótipos presentes na sociedade sobre homens e mulheres acima de 40 anos que estão solteiros.

2.3. *Método*

2.3.1 *Participantes*

Participaram desse estudo 120 estudantes universitários, maiores de 18 anos, de uma instituição privada, sendo 60 homens e 60 mulheres. A faixa etária das mulheres variou de 18 a 39 anos, enquanto que dos homens foi de 18 a 37 anos.

2.3.2 *Instrumento de coleta de dados*

Para coletar as informações necessárias, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário (*Apêndice A*) que continha duas partes. A primeira parte continha questões sociodemográficas como idade, estado civil e o sexo. A segunda parte foi organizada através da técnica de associação livre. Foi solicitado aos entrevistados que escrevessem as primeiras cinco palavras ou expressões que vinham à mente quando pensassem em alguém com as

seguintes características: 1) “mulher com mais de 40 anos que nunca casou” e 2) “homem com mais de 40 anos que nunca casou”. Em seguida, solicitamos aos participantes que enumerassem todas as palavras ou expressões, classificando-as da mais importante para a menos importante.

A técnica da associação livre consiste em solicitar aos indivíduos que escrevam um determinado número de palavras ou expressões que lhes vem à mente a partir de um ou mais termos indutores, para em seguida solicitar aos sujeitos que organizem as suas respostas em ordem de importância, da mais para a menos importante (Oliveira, Marques, Gomes & Teixeira, 2005). Para Menin (2007) a associação livre possibilita a ativação de conhecimentos pré-existentes que se revelam através de verbalizações ou expressões.

2.3.3. Procedimento de coleta de dados

Para a aplicação do questionário com estudantes de ensino superior, o contato foi feito com Instituições de Ensino Superior da Grande Vitória. Enviamos uma solicitação escrita e detalhada, explicitando os objetivos da pesquisa e o modo como procederíamos para obtenção dos dados. A aplicação foi realizada de forma coletiva, caso não conseguíssemos a aplicação ocorreria individualmente. O estudo foi realizado com estudantes universitários, por se tratar de uma amostra por conveniência.

Antes de iniciarmos a aplicação com os sujeitos, explicamos detalhadamente quais eram os objetivos da pesquisa. Realizamos também um breve treino com os alunos, pedindo que eles (as) dissessem o que vinha a cabeça quando pensavam em “futebol”. Em seguida, solicitamos que eles

passassem aos dois termos indutores que nos interessavam. Com esse treino, os alunos tiveram uma melhor compreensão da atividade proposta e a grande maioria preencheu todos os dois quadros com todas as cinco evocações.

2.3.4. Procedimento de organização e análise dos dados

Os dados coletados por meio da evocação livre foram processados com o auxílio do software EVOC (*Ensemble de Programmes L'Analyse des Évocations*). O EVOC permite a realização de uma análise das evocações, fornecendo dados para o reconhecimento da possível estrutura das representações sociais sobre um objeto.

Esse programa permite a realização da análise das palavras evocadas indicando os termos mais importantes no que diz respeito tanto à sua frequência quanto à sua ordem de evocação. Ou seja, o EVOC nos mostrou quais evocações os estudantes fizeram mais frequentemente e com maior prioridade, para cada um dos termos indutores (“mulher com mais de 40 anos que nunca casou” e “homem com mais de 40 anos que nunca casou”), possibilitando a identificação da organização interna das representações sociais (Sá, 1998).

Os resultados fornecidos pelo programa possibilitaram a construção do chamado “quadro de quatro casas”, que cruza as informações dando origem a dois eixos, sendo o eixo vertical correspondente à frequência de evocação das palavras; e o eixo horizontal, à ordem de evocação, e permite uma análise estrutural das representações estudadas (Oliveira, Marques, Gomes & Teixeira, 2005).

Após a distribuição dos dados produzidos nos quadrantes, segundo Sá (1998; 2002) a leitura é feita conforme ilustrado abaixo: os termos localizados no quadrante superior esquerdo (QSE) são os que foram evocados em alta frequência e considerados os mais importantes, constituindo, provavelmente, o núcleo central da representação. Os temas situados no quadrante superior direito (QSD) são da primeira periferia, no qual se encontram os elementos de alta frequência, mas menos importantes. Já o quadrante inferior esquerdo (QIE) é caracterizado como “zona de contraste”, no qual estão localizados os temas que tiveram uma frequência menos elevada, mas considerados importantes pelos sujeitos que evocaram. E por último, no quadrante inferior direito (QID) estão localizados os elementos que tiveram uma menor frequência e um menor grau de importância atribuída, compondo os elementos mais nitidamente integrantes do sistema periférico, caracterizando a segunda periferia.

Vale ressaltar, que quanto menor for a “ordem média de evocação” (OME) da palavra ou da expressão, maior importância atribuída a ela pelas pessoas que a evocaram.

2.3.5. Resultados e discussão

Neste item serão apresentados os resultados obtidos através da técnica descrita no item da metodologia, assim como as discussões desses resultados.

O procedimento e a organização dos dados, a partir da técnica utilizada pelo EVOC resultou na construção de quatro quadrantes no formato de um quadro de quatro casas (Tabela, 1, 2, 3 e 4).

Inicialmente será discutido os resultados obtidos a partir das evocações pelos sujeitos homens e mulheres estudantes do ensino superior de temas associados a mulher com mais de 40 anos que nunca casou (Tabela 1 e 2).

Em seguida, analisaremos os resultados obtidos a partir das evocações pelos sujeitos homens e mulheres estudantes do ensino superior de temas associados ao homem com mais de 40 anos que nunca casou (Tabela 3 e 4).

A Tabela 1 apresenta o resultado da análise das evocações dos participantes do sexo masculino para o termo-indutor “mulher com mais de 40 anos que nunca casou”. Em relação às evocações, a média das OMEs foi igual a 3,0 (numa escala de 1 a 5). Considerando que foram menosprezadas as evocações cuja frequência foi igual ou menor que 5, encontrou-se a frequência média de evocação igual a 10. A análise combinada desses dados resultou no quadro de quatro casas apresentado na tabela 1.

Tabela 1. Quadro de quatro casas a partir das evocações pelos sujeitos adultos homens estudantes do ensino superior de temas associados à mulher com mais de 40 anos que nunca casou (n=60; frequência mínima=5).

O.M.E	Estudantes homens de ensino superior					
	< 3			≥ 3		
Freq med	Tema evocado	Frequência	O.M.E	Tema evocado	Frequência	O.M.E
≥ 10	feia	27	2,852	chata	14	3,071
	independente	14	2,143	encalhada	23	3,217
	sozinha	27	2,926	solteirona	10	3,300
	trabalho	12	2,333	titia	16	3,063
					triste	12
< 10	complicada	6	2,333	antissocial	5	3,200
	exigente	8	2,500	desesperada	5	3,800
	gorda	6	2,000	frustrada	5	3,400
	livre	7	2,286	promíscua	7	3,286

O.M.E.: ordem média de evocação; Freq Med: frequência média.

A Tabela 2 apresenta o resultado da análise das evocações dos participantes do sexo feminino para o termo-indutor “mulher com mais de 40 anos que nunca casou”. Em relação às evocações, a média das OMEs também foi igual a 3,0 (numa escala de 1 a 5). Considerando que foram menosprezadas as evocações cuja frequência foi igual ou menor que 5, encontrou-se a frequência média de evocação igual a 16. A análise combinada desses dados resultou no quadro de quatro casas apresentado na tabela 2.

Tabela 2. Quadro de quatro casas a partir das evocações pelas sujeitas adultas mulheres estudantes do ensino superior de temas associados à mulher com mais de 40 anos que nunca casou (n=60; frequência mínima=5).

O.M.E	Estudantes mulheres de ensino superior					
	< 3			≥ 3		
Freq med	Tema evocado	Frequência	O.M.E	Tema evocado	Frequência	O.M.E
≥ 16	independente	29	2,172	encalhada	33	3,212
	sozinha	32	2,844			
	trabalho	16	2,938			
< 16	exigente	10	2,900	chata	6	3,167
	livre	8	2,750	feliz	6	3,000
	opção	9	2,778	mal-humorada	6	3,667
	resolvida	11	2,091	solteirona	13	3,462
				titia	6	4,667
				triste	14	3,286

O.M.E.: ordem média de evocação; Freq Med: frequência média.

Segundo Abric (1998), o núcleo central é determinado pela natureza do objeto, pelo tipo de relações que o grupo estabelece com este objeto, e pelos valores e normas sociais que compõem a ideologia do momento e do grupo.

Observa-se que os elementos comuns situados no núcleo central da tabela 1 e 2 foram os termos *independente*, *sozinha* e *trabalho*. Isso demonstra que assim como homens, as mulheres também identificam a mulher acima dos 40 anos que nunca casou como sendo *independente*, o que remete ao fato de que com a ampliação da autonomia, às mulheres passaram a ter maiores chances de fazer escolhas, passando a ter acesso a outras possibilidades e outros estilos de vida, que não fossem somente aqueles centrados nos papéis socialmente estabelecidos, isto é, o de casar e ter filhos (Gonçalves, 2011).

O termo *trabalho* refere-se ao fato de que com as mudanças advindas com o movimento feminista fez com que se abrissem novas oportunidades para as mulheres. Com isso o seu grau de escolarização aumentou, houve uma maior participação da mulher no mercado de trabalho e, conseqüentemente, as mulheres passaram a ter uma maior liberdade para fazerem escolhas, de forma que elas não ficassem restritas somente a atividades centradas no cuidado da casa e dos filhos (Matos, 2005; Jablonski, 2010).

Com isso é cada vez mais frequente encontrarmos homens e mulheres que abdicam do casamento e de terem filhos, para priorizar o aspecto profissional. Esse dado também aparece no estudo de Andrade (2007), nos quais os resultados encontrados apontam que tanto homens como mulheres estão em busca de uma melhor inserção profissional, rompendo com os estereótipos e tradições em torno da família e do casamento.

No núcleo central da Tabela 1 e 2, os homens e as mulheres além de identificar a mulher com mais de 40 anos que nunca casou como *independente* e que priorizam o *trabalho* também a caracterizaram como *sozinha*. Esse conjunto

de elementos representacionais podem revelar resquícios de uma ideologia tradicional que propaga os critérios normativos do “ser mulher”, isto é, que prega que toda mulher para ser completa e feliz tem que casar e ter filhos. Logo, o cumprimento dos papéis socialmente prescritos para elas, ou seja, o casamento e a maternidade descartariam a possibilidade de elas se sentirem “sós” (Trindade & Enumo, 2002; Gonçalves 2011).

Os elementos do núcleo central expressam mais elementos relacionados às condições históricas e sociais. Observa-se que o resultado apresentado é compatível com esta assertiva, tendo em vista que a evocação do termo *independente* reflete uma característica proveniente das conquistas obtidas com o movimento feminista que proporcionou o avanço das mulheres em vários segmentos, conseqüentemente ampliou a autonomia da mulher trazendo-lhe uma maior independência (Matos, 2005).

De certa forma, se esse conjunto de elementos representacionais reforça a questão de mudanças e lutas por uma melhor posição no mercado de trabalho, também indicam que sozinha é um “preço a pagar”, ou melhor, uma consequência da mulher ser independente e trabalhar. Logo, se por um lado indica esse processo histórico de mudanças sociais, por outro também reforça que essa independência, vem carregada de um ônus, que a mulher que se enquadra em papéis prescritos não tenha que pagar.

Encontramos também no núcleo central da Tabela 1 a evocação *feia*, o que nos leva a perceber que existe um ideal de beleza que é valorizado socialmente e que se encontrar fora dele é associado a uma das causas da solteirice, ou seja, não conseguiu casar porque é feia.

Na primeira periferia, como mostrado no QSD, encontram-se os termos que tiveram alta frequência e que fortalecem o que se encontrou no núcleo central. Tanto homens quanto mulheres evocaram o termo *encalhada*. Esse resultado demonstra que apesar da cobrança para o estabelecimento de uma relação pautada de acordo com os padrões tradicionais ter diminuído, ainda há bastante pressão social para que mulheres adultas se casem (Andrade, 2012). Assim as pessoas que não cumprem essa exigência social, continuam sendo alvo de estereótipos.

A condição de estar solteira no caso das mulheres, está associada a expressões pejorativas como *encalhada* e *tia* (Andrade, 2012), o que nos leva a perceber que esses termos não são diferentes das expressões que eram utilizadas antigamente como “solteirona” ou “ficou para titia”.

Na primeira periferia da Tabela 1, além do termo *encalhada* encontramos ainda os elementos *chata*, *solteirona*, *titia* e *triste*. A expressão *solteirona* e *titia* como já dito acima, são termos associados à expressão pejorativa *encalhada*. Já o elemento *chata*, remete ao fato de que uma mulher não fica solteira e sem filhos por opção, mas como consequência de suas características pessoais, como já indicado pela presença do elemento feia.

O elemento *triste* está relacionado ao termo *sozinha* do núcleo central, uma vez que a solteirice feminina é associada à tristeza, pois se propaga a crença que a mulher para ser realizada tem que se casar e ter filhos. Essa condição, isto é, do casamento e da maternidade a isentariam da tristeza (Trindade & Enumo, 2002; Gonçalves 2011).

Segundo Trindade e Enumo (2002), as mulheres que não cumprem o papel social da maternidade são consideradas solitárias, frustradas, tristes e incompletas. Essas representações comprovam como esse papel esperado da mulher, ainda se encontra tão presente no pensamento social. O não cumprimento é compreendido como uma transgressão das prescrições e expectativas socialmente impostas.

Os elementos periféricos de uma representação social constituem a interface entre o núcleo central e a realidade concreta na qual a representação é elaborada ou colocada em funcionamento, exercendo a sua função de concretização (Abric, 1998).

Assim, os resultados encontrados na primeira periferia corroboram com a afirmativa de Abric (1998), uma vez que os elementos do núcleo central expressam mais elementos relacionados às condições históricas e sociais, enquanto que os elementos periféricos da representação estão associados a características individuais.

Logo, além de encontrarmos no sistema periférico elementos que retratam características pessoais, os elementos periféricos ainda evidenciam de forma expressiva termos relacionados aos sentimentos e estigmas, que estão diretamente ligados com o núcleo central, caracterizando a função organizadora desse núcleo e a função de regulação do sistema periférico (Abric, 1998).

Dessa forma, a função de regulação do sistema periférico pode ser encontrada nos termos *encalhada*, *solteirona* e *titia*, uma vez que essa função tem como atribuição integrar as informações novas, assim como os elementos de conflitos, em relação aos fundamentos do núcleo central. Logo, os elementos

citados acima são evocações conflitantes com relação aos termos *independente* e *trabalho* que aparece no núcleo central. Além disso, o termo *triste* apesar de ser uma informação nova, está diretamente ligado ao termo *sozinha* presente no núcleo. Assim, a função de regulação fica evidente nos termos evocados na primeira periferia.

Na zona de contraste, situada no QIE as palavras *exigente* e *livre* foram elementos comuns tanto na percepção de homens quanto na percepção de mulheres. Os termos situados neste quadrante foram pouco frequentes, mas considerados muito importantes pelos sujeitos que os evocaram, o que pode indicar uma representação diferente daquela da maioria do grupo ou até mesmo uma transformação da representação prevalente.

Os termos *livre*, *opção* e *resolvida* estão relacionados ao elemento *independência* situado no núcleo central. Com a ampliação da autonomia da mulher, ela passou a ser mais *independente* e *livre*.

Além disso, esse elemento *livre* também pode estar associado ao fato da mulher não ter casado e não ter tido filhos, pois sabemos que as circunstâncias de um casamento, que geralmente envolve atividades domésticas, cuidados com os filhos, compromissos com rotinas de trabalho, acabam privando homens e mulheres de gozar de tanta flexibilidade, de não ter cobrança, de não ter que dar satisfação a ninguém e de poder administrar o tempo de acordo com a sua conveniência.

O resultado acima também retrata as funções do núcleo central, uma vez que é através do elemento do núcleo central que os outros elementos da representação ganham uma determinada valoração e significação; e o sistema

central também é responsável por unir os elementos da representação; caracterizando respectivamente a função geradora e organizadora do núcleo central (Abric, 1998).

Já os elementos *exigente, complicada e gorda* demonstram mais uma vez que o motivo de elas estarem solteiras e sem filhos ainda está associado a determinadas características pessoais.

Os elementos da segunda periferia constituem os elementos menos frequentes e menos importantes, entretanto, indicam as representações que estão presentes no cotidiano (Abric, 1998).

Os termos *solteirona* e *titia* que aparecem na segunda periferia da Tabela 2, devem ser analisados em função da expressão *encalhada*, situada na primeira periferia, uma vez que como já dito acima a expressão *solteirona* e *titia* estão associadas às expressões pejorativas como *encalhada* e *tia*.

Na primeira periferia e na zona de contraste da Tabela 1 e da Tabela 2 também aparecem elementos referentes a características pessoais das mulheres, como as evocações *antissocial, desesperada, frustrada, promíscua, chata e mal-humorada*. Mais uma vez, tanto os homens quanto as mulheres atribuem o fato de a mulher ficar solteira como consequência de suas características pessoais.

Ainda na segunda periferia referente à percepção das mulheres, encontramos também as evocações *feliz* e *triste*. Neste caso, podemos supor que o sistema periférico está exercendo a sua função de defesa, ou seja, busca dar conta das contradições que possam aparecer. Esse resultado sugere que na prática as pessoas querem demonstrar um pensamento mais moderno, mas que

na realidade ainda estão aprisionadas na ideologia patriarcal (Rocha-Coutinho, 2004).

A seguir, apresentaremos a discussão e os resultados obtidos a partir das evocações pelos sujeitos homens e mulheres estudantes do ensino superior de temas associados ao homem com mais de 40 anos que nunca casou (Tabela 3 e 4).

A Tabela 3 apresenta o resultado da análise das evocações dos participantes do sexo masculino para o termo-indutor “homem com mais de 40 anos que nunca casou”. Em relação as evocações, a média das OMEs foi igual a 2,9 (numa escala de 1 a 5). Considerando que foram menosprezadas as evocações cuja frequência foi igual ou menor que 5, encontrou-se a frequência média de evocação igual a 13. A análise combinada desses dados resultou no quadro de quatro casas apresentado na tabela 3.

Tabela 3. Quadro de quatro casas a partir das evocações pelos sujeitos adultos homens estudantes do ensino superior de temas associados ao homem com mais de 40 anos que nunca casou (n=60; frequência mínima=5).

O.M.E	Estudantes homens de ensino superior					
	< 2,9			>= 2,9		
Freq med	Tema evocado	Frequência	O.M.E	Tema evocado	Frequência	O.M.E
>= 13	curtição	16	2,688	feio	13	3,462
	livre	15	2,533	rico	13	3,231
	mulherengo	31	2,484			
	sozinho	19	2,842			
	trabalho	13	2,077			
< 13	dependente	5	2,800	alcoólatra	5	4,000
	homossexual	9	2,889	chato	5	3,400
	imaturo	9	2,444	esperto	5	3,000
	independente	8	2,625	feliz	6	3,333
	não quer compromisso	5	2,400	gordo	5	3,200
	opção	5	2,400	pobre	6	3,167
	solteirão	7	2,286	triste	6	3,833

O.M.E.: ordem média de evocação; Freq Med: frequência média.

A Tabela 4 apresenta o resultado da análise das evocações dos participantes do sexo feminino para o termo-indutor “homem com mais de 40 anos que nunca casou”. Em relação às evocações, a média das OMEs foi igual a 3,0 (numa escala de 1 a 5). Considerando que foram menosprezadas as evocações cuja frequência foi igual ou menor que 5, encontrou-se a frequência média de evocação igual a 13. A análise combinada desses dados resultou no quadro de quatro casas apresentado na Tabela 4.

Tabela 4. Quadro de quatro casas a partir das evocações pelas sujeitas adultas mulheres estudantes do ensino superior de temas associados ao homem com mais de 40 anos que nunca casou (n=60; frequência mínima=5).

O.M.E	Estudantes mulheres de ensino superior					
	< 3			≥ 3		
Freq med	Tema evocado	Frequência	O.M.E	Tema evocado	Frequência	O.M.E
≥ 13	mulherengo	55	2,836	Curtição	13	3,308
	não quer compromisso	14	2,071	Sozinho	17	3,294
< 13	complicado	5	2,400	encalhado	5	3,800
				homossexual	11	3,091
	desilusão amorosa	5	2,800	solteirão	5	3,600
	egoísta	8	2,625	trabalho	5	4,000
	imaturo	12	2,583			
	independente	12	2,417			
	livre	5	2,400			
	opção	8	2,000			

O.M.E.: ordem média de evocação; Freq Med: frequência média.

Observa-se que o elemento comum situado no núcleo central da Tabela 3 e 4 é o termo *mulherengo*. Esse resultado evidencia que apesar de todas as mudanças que vem ocorrendo nos últimos tempos, às crenças proferidas pelo

modelo patriarcal ainda se encontram latentes no pensamento do senso comum de homens e mulheres. A posição do homem sempre foi marcada por uma posição de superioridade e prestígio em diversos aspectos relacionados à mulher.

Para Trindade, Nascimento e Gianordoli-Nascimento (2006) no Brasil, já é bastante consolidada as concepções da virilidade masculina e do masculino indomável que são referências para a construção da imagem do homem.

Entretanto, vale ressaltar que a característica de estado viril do homem durante muito tempo foi repreendida. No início do século XX, esperava-se que o homem fosse trabalhador, pontual, provedor do lar, que exercesse funções de liderança e que contivesse os seus impulsos de violência e de sexualidade (Machado & Seffner, 2013).

Essas características é que permitiam ao homem, entre outras coisas, ser reconhecido como um cidadão honesto, cumpridor dos seus direitos e deveres, além de outras vantagens. Sabemos que essas características podem ou não compor determinados modelos de masculinidades vigentes, uma vez que diferentes masculinidades são concebidas no mesmo espaço social e no decorrer da história.

Com isso, algumas características de masculinidades se perduram, outras passam por modificações e novos aspectos surgem. Logo, a repreensão sexual foi uma característica que foi modificada, uma vez que hoje em dia o homem exerce livremente a sua sexualidade sem ser rotulado negativamente, por isso a presença do elemento *mulherengo* no núcleo central, pois esse termo está atrelado a diversos significados, dentre eles associado a liberdade sexual.

No núcleo central da Tabela 3, além do elemento *mulherengo*, aparecem também as evocações *curtição*, *livre*, *sozinho* e *trabalho*.

O termo *livre* pode estar associado ao fato do homem não ter estabelecido a formalização do estatuto conjugal, pois como já citado acima as circunstâncias do casamento acabam privando homens e mulheres de gozar de uma maior flexibilidade. Logo, a condição de solteiro proporcionaria uma maior *liberdade*.

Já o elemento *sozinho*, pode indicar que assim como é veiculada para as mulheres a concepção de que o estabelecimento do estatuto conjugal descartaria a o sentimento de se sentir “só”, aparentemente os homens também compactuariam dessa mesma concepção. Entretanto, vale ressaltar que essa afirmativa tem de ser analisada em suas devidas proporções uma vez que a cobrança para o casamento é muito maior para a mulher do que para o homem.

A palavra *trabalho* ter sido evocada e estar presente no núcleo central na representação dos homens já era esperado, uma vez que as atividades masculinas sempre tiveram voltadas para o âmbito público. Além disso, era através do trabalho que o homem obtinha ascensão social e o meio pelo qual ele sustentava a família, legitimando dessa forma a configuração do papel enquanto “provedor” (Machado & Seffner, 2013).

Os elementos *curtição* e *não quer compromisso* presentes no núcleo central ou no sistema periférico das tabelas 3 e 4, são características associadas ao termo *mulherengo*. Pode-se supor que o homem, para ser *mulherengo*, tem que gostar de *curtição* e conseqüentemente a ideia de estabelecer um compromisso é descartada.

Os resultados apresentados acima nos revelam que os elementos do núcleo central expressam mais elementos relacionados às condições históricas e sociais (Abric, 1998). Dessa forma, os termos que aparecem no núcleo central, reforçados por um conteúdo histórico e ideológico, legitimam determinados comportamentos que passam a ser compreendidos como “naturais” e “corretos”.

Na primeira periferia, estão localizados os termos que tiveram uma frequência menos elevada e considerados menos importantes. Não foi encontrado nenhum elemento comum na primeira periferia das Tabelas 3 e 4.

Os homens evocaram os termos *feio* e *rico*. O elemento *rico* pode estar associado ao estereótipo de *mulherengo* presente no núcleo central, uma vez que a condição de *mulherengo* não está diretamente relacionado à condição econômica, pois homens pobres também podem ser *mulherengos*. Além disso, o papel de provedor é representado enquanto algo inerente e associado à figura masculina, tornando-se a condição econômica um dos atributos de masculinidade.

Já o padrão estético, neste caso evidenciado pelo elemento *feio*, como no caso das *mulheres*, também seria uma característica pessoal que leva o homem a permanecer solteiro.

Diante dos resultados apresentados acima, percebemos a função geradora do núcleo central, possibilitando que através dele, outros elementos representacionais ganham valoração e significação. Sendo também evidente a função de concretização do sistema periférico, que proporciona que os elementos periféricos constituam uma interface com o núcleo central.

Já as mulheres evocaram os elementos *curtição* e *sozinho*. Como já explicado acima, o termo *curtição* está associado ao estereótipo de *mulherengo* presente no núcleo central. Enquanto que o termo *sozinho* pode representar o que já foi exposto acima, isto é, a concepção de que o estabelecimento do estatuto conjugal descartaria a o sentimento de se sentir “só”.

Na zona de contraste, encontramos três elementos que foram comuns tanto na percepção dos homens quanto no das mulheres, são eles: *imaturado*, *independente* e *opção*.

A evocação *independente* retrata a característica esperada de um homem, uma vez que suas atividades sempre tiveram voltadas para o âmbito público, enquanto as mulheres ficam dedicadas a lugares domésticos (Jablonski, 2010; Andrade, 2012). Vale ressaltar que o termo evocado *independente* é como se fosse algo inerente a uma característica masculina, uma vez que o espaço público sempre foi associado ao homem, entretanto, não temos a pretensão através dessa análise de afirmar que o homem seja independente da mulher. Logo, esse termo está associado à questão profissional, e não emocional por exemplo.

Já o elemento *opção* retrata que os homens são seletivos e fizeram a opção de estar solteiros. Enquanto para as mulheres a questão da escolha é vista como algo negativo, para os homens é percebida de maneira positiva. Logo, o fato de elas serem exigentes e seletivas fazem com que elas permaneçam solteiras, enquanto que essas mesmas características proporcionem ao homem a opção de permanecer solteiro.

Na Tabela 3, encontramos também o elemento *homossexual*, que apesar de não estar presente no núcleo central, teve uma frequência e uma ordem média

de importância muito próxima dos termos situados no sistema central. Isso nos leva a entender que se trata de um elemento bastante significativo. Com isso, esse resultado pode revelar que existe um antagonismo na configuração do homem acima dos 40 anos que nunca casou, uma vez que ao mesmo tempo em que ele é considerado *mulherengo*, elemento presente no sistema central, sua opção sexual também é colocada em questão.

Além disso, segundo Tavares (2010) e Andrade (2012), a condição de estar solteiro, no caso dos homens, geralmente é associada à questão sexual, uma vez que desde o nascimento é esperado que meninos e meninas ajam de acordo com os papéis adequados à sua sexualidade. A sociedade dissemina a crença de que o sexo biológico é que define as práticas e define se uma pessoa é homem ou mulher. Assim, aqueles que não cumprem os papéis sociais determinados para o gênero masculino, são denominados de *homossexuais*.

As evocações *não quer compromisso* e *solteirão*, também encontrados na zona de contraste da Tabela 3, estão diretamente relacionadas ao termo *mulherengo* presente no núcleo central. Logo, esses elementos reforçam a imagem do homem viril e indomável associado ao estereótipo *mulherengo*.

O termo *imaturado* que foi um dos elementos comuns na zona de contraste das duas tabelas, além do elemento *dependente* encontrado na Tabela 3 e as evocações *complicado*, *desilusão amorosa* e *egoísta* presentes na Tabela 4 retratam características pessoais dos homens que os levam a ficar solteiros.

O elemento *livre* presente na zona de contraste da tabela 4, como já explicado acima, retrata que a condição de solteiro proporcionaria maior *liberdade*.

Não foi encontrado nenhum elemento comum na segunda periferia das Tabelas 3 e 4. Os homens evocaram as palavras *alcoólatra*, *chato*, *esperto*, *feliz*, *gordo*, *pobre* e *triste*, que são termos considerados como características pessoais. O elemento *triste* está associado ao termo *sozinho* presente no núcleo central. Apesar de serem elementos menos frequentes e menos importantes, evidenciam as representações que circulam no cotidiano.

Já as mulheres evocaram os termos *encalhado*, *homossexual*, *solteirão* e *trabalho*. Os possíveis significados da presença dos termos homossexual e trabalho já foram comentados, restando *encalhado* e *solteirão* que podem ser compreendidos como reflexos do termo *mulherengo* situado no núcleo central.

Diante dos resultados encontrados na segunda periferia, percebemos que os elementos periféricos estão associados a características individuais. Além disso, o termo *mulherengo* situado no núcleo central acaba exercendo a função organizadora, uma vez que une os elementos da representação. E os elementos *encalhado* e *solteirão* que compõem o sistema periférico cumprem a função de regulação já que como elementos novos se integram ao núcleo central.

3. ESTUDO 02

3.1. *Objetivo geral*

- Analisar as representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice.

3.2. *Objetivo específico*

- Compreender as representações sociais e as vivências da solteirice para homens e mulheres entre 40 e 60 anos que estão nessa situação.

3.3. *Método*

3.3.1. *Participantes*

Participaram desse estudo 16 adultos, com idades entre 40 e 60 anos³, sendo 08 homens e 08 mulheres com ensino superior completo ou cursando. A condição para participar da pesquisa foi que esses sujeitos fossem solteiros. Para o estudo, a categoria solteiro (a) foi definida como homens e mulheres que nunca se casaram e que atualmente não se encontram em qualquer tipo de relacionamento estável. Outro requisito considerado foi à ausência de filhos.

Os entrevistados foram encontrados a partir da indicação de terceiros e dos próprios participantes do estudo.

3.3.2. *Instrumento de coleta de dados*

Para coletar as informações necessárias, foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada (*Apêndice B*). O roteiro da

³ O estudo objetiva compreender as representações sociais de adultos solteiros sobre a solteirice. Por isso a idade limite máxima foi estipulada em 60 anos, idade a partir da qual as pessoas são consideradas idosas (Lei 10741/2003 – Estatuto do Idoso).

entrevista era composto de questões que abordaram aspectos sociodemográficos, além de questões abertas.

3.3.3. Procedimento de coleta de dados

Antes de se iniciar as entrevistas, os objetivos da pesquisa foram explicados e foi solicitado aos participantes que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - *Apêndice C*), afirmando que estavam cientes dos procedimentos utilizados, sendo garantido o anonimato e o sigilo das informações. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pela própria pesquisadora. Os procedimentos de pesquisa observaram as normativas 466/ 2012 do Conselho Federal de Psicologia sobre pesquisa com seres humanos. O trabalho foi submetido e aprovado pelo comitê de ética.

3.3.4. Procedimento de organização e análise dos dados

Para a análise e interpretação dos dados do material coletado, foi utilizado o método da Análise de Conteúdo proposto por Bardin (1977).

De modo geral, entende-se por Análise de Conteúdo:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p.42).

Dentre as técnicas que podem ser desenvolvidas na Análise de Conteúdo, foi utilizada a Análise temática. Esta técnica demonstrou ser a mais apropriada em nossa pesquisa, uma vez que nos propusemos a identificar e analisar determinados temas que compõem o material produzido nas entrevistas.

Segundo Bardin (1977, pág. 106) “o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.”.

Seguindo as indicações de Bardin (1977), os procedimentos para análise dos dados em nosso estudo foram organizados em três etapas: inicialmente foi realizada a transcrição integral das entrevistas. Em seguida, realizamos a leitura flutuante desse material, de modo a formar as primeiras impressões sobre possíveis elementos recorrentes nas narrativas. Na segunda etapa, voltamos a realizar novas leituras desse material, e foi realizada a pré-categorização, buscando incluir os elementos que mais se destacavam nas categorias gerais. Na última etapa, as categorias gerais foram desmembradas em subcategorias, de acordo com a sua semelhança e diferenciação, condensando-se, assim, o material em conteúdos temáticos. Após a constituição destes recortes, trabalhamos com as categorias temáticas, buscando entender as relações entre esses temas e o contexto de produção desse material pelos participantes, de forma a apreender as representações presentes.

Durante a etapa de categorização dos resultados da pesquisa chegamos às seguintes categorias: vantagens e desvantagens; relação trabalho e solteirice; pensamento do senso comum sobre a solteirice do homem; pensamento do

senso comum sobre a solteirice da mulher; relação conjugal e filhos; papéis sociais, pressão social e discriminação.

Vale ressaltar que as subcategorias são formadas pelas unidades de registro que referem-se às palavras ou frases representadas pelas respostas de mulheres e homens.

3.3.5. Resultados e discussão

Apresentaremos inicialmente os resultados referentes ao perfil sócio-demográfico dos participantes. Os dados dos homens e mulheres foram distribuídos separadamente em duas tabelas a fim de facilitar a leitura e seus nomes foram preservados.

Tabela 5. Perfil sócio-demográfico dos homens quanto à idade, religião, profissão, renda pessoal e grau de escolaridade

Participante	Idade	Religião	Profissão	Renda pessoal ⁴	Grau de escolaridade
1	43	Católico	Consultor de vendas	4	Superior Incompleto
2	40	Católico	Administrador	12	Superior Completo
3	48	Católico	Arquiteto	7	Pós-graduado (nível especialização)
4	45	Sem religião	Publicitário	8	Superior Completo
5	47	Evangélico	Psicólogo	12	Superior Completo
6	47	Espírita	Médico	15	Superior Completo
7	40	Sem religião	Professor	8	Superior Completo
8	41	Católico	Servidor Público	9	Superior Completo

⁴ Os valores apresentados se encontram em salário mínimo. Vale a pena salientar que durante o período de coleta o mesmo era de R\$ 678,00 (seiscentos e setenta e oito reais).

Tabela 6. Perfil sócio-demográfico das mulheres quanto à idade, religião, profissão, renda pessoal e grau de escolaridade

Participante	Idade	Religião	Profissão	Renda pessoal ⁴	Grau de escolaridade
9	43	Católica	Administradora	8	Superior Completo
10	42	Católica	Arquiteta	11	Pós-graduada (nível doutorado)
11	47	Batista	Professora	11	Pós-graduada (nível mestrado)
12	47	Sem religião	Professora	8	Pós-graduada (nível mestrado)
13	44	Espírita	Economista	20	Superior Completo
14	41	Sem religião	Professora	11	Pós-graduada (nível mestrado)
15	40	Espírita	Administradora	12	Pós-graduada (nível especialização)
16	41	Católica	Psicóloga	7	Superior Completo

Apesar de o nível de escolaridade não ter sido critério, temos apenas um participante sem nível superior completo. As mulheres têm nível maior, acompanhando os resultados do Censo de 2010 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010c) que demonstraram que o nível de instrução das mulheres ficou mais elevado que o dos homens. Na população masculina de 25 anos ou mais de idade, o percentual de homens com pelo menos o superior de graduação completo foi de 9,9%, enquanto que, na população feminina, esse indicador foi de 12,5%.

Outro dado interessante da amostra, é que a média salarial das mulheres é de R\$7.062,50 e a dos homens é de R\$6.412,50. Apesar de ser uma diferença pequena, também contraria os dados sobre o salário feminino ser menor do que o masculino. O mais recente Censo Demográfico (IBGE, 2010d) do país mostra que

o rendimento mensal dos homens com carteira profissional assinada foi de R\$1.392,00, ao passo que o das mulheres foi cerca de 30% abaixo disso, atingindo R\$983,00.

A religião também parece estar fora do padrão do estado. O Espírito Santo é o estado com maior número de evangélicos.

Diante desses dados, percebemos que se trata de uma amostra peculiar, o que pode ou não ter relação com a solteirice. No caso das mulheres, pode ser que o nível salarial acompanhe o nível de escolaridade e que isso seja facilitado pela ausência de responsabilidades domésticas e familiares.

Além disso, é importante ressaltar que essas mulheres representam um *outlier*, se comparadas ao resto da população feminina: tem um nível de escolaridade muito elevado, maior que o masculino, e não se casaram. Ou seja, priorizaram a questão profissional.

Para facilitar a leitura dos dados, os resultados foram organizados em oito temas principais em torno das respostas femininas e masculinas: as vantagens e desvantagens da solteirice; a relação trabalho e solteirice; pensamento do senso comum sobre a solteirice feminina; pensamento do senso comum sobre a solteirice masculina; a relação conjugal e filhos; os papéis sociais de homens e mulheres adultos; a pressão social e a discriminação.

Os resultados são apresentados em tabelas de acordo com o tema e foram inseridos alguns recortes de transcrições de fala dos participantes para melhor ilustrar o tema abordado.

Vale ressaltar que em algumas tabelas o número de unidade de registro é maior do que o número de participantes, uma vez que foram consideradas respostas múltiplas.

Tabela 7. Vantagens de ser solteira (o) na visão feminina e na visão masculina

Vantagens de ser solteira - visão feminina	f	Vantagens de ser solteiro - visão masculina	f
Autonomia	24	Autonomia	13
<i>Ter liberdade</i>		<i>Ter liberdade</i>	
<i>Não ter que dar satisfação a ninguém</i>		<i>Não ter que dar satisfação a ninguém</i>	
<i>Autonomia de fazer o que quer</i>		<i>Independência nas escolhas</i>	
<i>Autonomia para ir para onde quer</i>		<i>Definir o próprio tempo</i>	
<i>Ter independência</i>			
Individualidade	12	Individualidade	5
<i>Não ter a responsabilidade e o comprometimento de quando você está com alguém</i>		<i>Não ter a responsabilidade e o comprometimento de quando você está com alguém</i>	
<i>Ter controle sobre a própria vida</i>		<i>Me dedicar as coisas que eu gosto</i>	
<i>Poder gastar dinheiro apenas consigo mesmo</i>		<i>Me dedicar a minha profissão e a cuidar de mim também</i>	
<i>Não ter que se privar das coisas que gosta</i>		<i>Ser responsável por si mesmo</i>	
<i>Não ter rotina</i>		<i>Tenho tempo</i>	
<i>Não ter que conciliar sua vontade com o do cônjuge</i>			
<i>Ter opções e escolhas</i>			
<i>Tudo depende da própria vontade</i>			
<i>Vida social mais fácil</i>			
Total de respostas	36	Total de respostas	18

As mulheres e os homens tiveram respostas bastante semelhantes quando perguntados sobre as vantagens que a solteirice proporciona. As subcategorias que apareceram foram autonomia e individualidade. Dentre as unidades de registro que apareceram na subcategoria autonomia, o elemento que teve uma

frequência expressiva tanto na visão das mulheres como na visão dos homens foi o elemento *liberdade*. Esse nosso achado pode ser evidenciado nos trechos abaixo:

“Olha você não tem a responsabilidade e aquele comprometimento de quando você está com alguém, você tem que dividir, você tem que dar satisfação, você tem uma vida que você tem que abrir mão de certas coisas...quando você é solteiro não, você tem total liberdade, aliás a melhor palavra para definir solteiro, solteirice é a liberdade...porque você não tem que dar satisfação para ninguém.”

(Participante 15)

“Ser solteiro em princípio um estado de liberdade, tem o horário que quer, você define o seu tempo, as coisas que você vai fazer, se vai viajar, se quer fazer isso ou aquilo, se quer dormir ou não, é não ter que dar satisfação a ninguém.”

(Participante 6)

Esse resultado, corrobora com os achados de Andrade (2012), em estudo anteriormente mencionado. Seus resultados apontaram que a liberdade, foi o mais importante significado encontrado para o termo solteirice, no seu estudo realizado que investigou o fenômeno da solteirice na contemporaneidade, a partir de vivências e da elaboração de sentidos para os homens e mulheres que se encontraram nesta condição na cidade de Salvador.

As outras unidades de registro retratadas apesar de também não estarem presentes na fala de todos (as) os (as) participantes, foram os elementos que tiveram maior incidência e destaque no contexto geral nos relatos. Esses resultados nos remetem ao fato de que com o enfraquecimento dos modelos tradicionais de família e casamento, abrem-se espaço para a construção de

outros tipos de arranjos familiares e conjugais (Jablonski, 2005; Féres-Carneiro, 1998). Uma dessas modificações é o crescimento de número de pessoas morando sozinhas, os chamados domicílios unipessoais. Segundo o IBGE (2010b), entre 2000 e 2010, a média brasileira de unidades domésticas unipessoais passou de 8,6% para 12,1%.

Essa tendência de aumento de domicílios unipessoais, sugere também, um aumento considerável no contingente de homens e mulheres solteiros (Andrade, 2012). Elementos como *autonomia de fazer o que quer, ter controle sobre a própria vida, independência nas escolhas, me dedicar as coisas que eu gosto* são características geralmente encontradas em pessoas que se encontram solteiras, como retratado na fala dos participantes abaixo:

“Comparando com amigas que já são casadas e que tem filhos, então assim eu tenho uma liberdade absurda de poder fazer o que eu quero nos finais de semana, é claro que eu tenho minhas obrigações, mas nada que eu não possa cancelar, porque depende tudo praticamente de mim...nas minhas férias eu faço o que eu quero, eu vou para onde eu quero, a minha despesa é praticamente só comigo.” (Participante 13)

“Pela responsabilidade que não existe...isso é interessante, muito interessante...interessante pela liberdade de você decidir para onde que ir, quando quer ir, por quê quer ir...se vai viajar se não vai...é não dar satisfação né?!” (Participante 4)

“Na liberdade, a grande vantagem do solteiro é não ter que dar satisfação do que vai fazer ou do que quer fazer.” (Participante 6)

Não estamos querendo dizer que homens e mulheres que são casados não possam desfrutar de liberdade, entretanto, sabemos que as circunstâncias de um casamento, que geralmente envolve atividades domésticas, cuidados com os filhos, compromissos com rotinas de trabalho, acabam privando homens e mulheres de gozar de tanta flexibilidade, de não ter cobrança, de não ter que dar satisfação a ninguém e de poder administrar o tempo de acordo com a sua conveniência.

Já com relação às desvantagens apontadas a subcategoria falta de companhia foi a que teve uma maior frequência tanto na visão dos homens como na visão das mulheres. Para as mulheres essa frequência foi ainda maior, como pode ser verificado nas tabelas abaixo:

Tabela 8. Desvantagens de ser solteira (o) na visão feminina e na visão masculina

Desvantagens de ser solteira - visão feminina	f	Desvantagens de ser solteiro - visão masculina	
Falta de Companhia	19	Falta de Companhia	8
<i>Falta de companhia</i>		<i>Falta de companhia</i>	
<i>Não ter com quem compartilhar</i>		<i>Não ter com quem compartilhar</i>	
<i>Solidão</i>		<i>Solidão</i>	
<i>Falta de companhia para eventos sociais</i>		<i>Falta de apoio social</i>	
<i>Falta de companhia para almoçar</i>			
<i>Falta de companhia para enfrentar dificuldades</i>			
<i>Falta de companhia para fazer supermercado</i>			
<i>Falta de companhia para ver televisão</i>			
<i>Falta de companhia para viajar</i>			
Causa melancolia	1	Questões financeiras	2
Independência às vezes cansa	1	<i>Não ter com quem dividir as despesas da casa</i>	
Não ter ninguém para fazer consertos em casa	1	<i>Mais gastos</i>	

Não ter o que fazer	1	Questão familiar	2
		<i>Não ter uma família</i>	
		<i>Os amigos e parentes casaram e tiveram filhos</i>	
		Falta de entretenimento	1
		Não vê desvantagem	1
Total de respostas	23	Total de respostas	14

O termo sozinho (a) ou solidão também foi encontrado como elementos centrais das representações sociais de homens e mulheres solteiras no Estudo 01. Novamente a solidão aparece enquanto um ônus para a solteirice.

Os relatos a seguir explicitam bem essa questão:

“Eu acho que na minha concepção de ter um companheiro, é você também dividir, então tem hora que você quer...tantas alegrias, quanto as dúvidas, incertezas, angustias, eu acho que isso faz muita falta.” (Participante 10)

“Eu acredito que isso seria uma desvantagem, você não ter alguém para poder contar, dividir, conversar e estar ali compartilhando coisas suas pessoais.” (Participante 11)

Assim como as mulheres, a falta de companhia também foi apontada pelos homens como sendo a principal desvantagem. Dessa forma, assim como é veiculada para as mulheres a concepção de que o estabelecimento do estatuto conjugal descartaria o sentimento de se sentir “só”, aparentemente os homens também compactuariam dessa mesma diretriz. Entretanto, vale ressaltar que essa afirmativa tem de ser analisada em suas devidas proporções uma vez que a cobrança para o casamento é muito maior para a mulher do que para o homem.

Os trechos abaixo das entrevistas são capazes de exemplificar essa questão:

“Na solidão sempre...quando você quer uma companhia para poder trocar ideias ou participar de alguma coisa, você praticamente você não tem, ah não ser família e amigos” (Participante 6)

“Tem momentos que você quer estar ao lado de alguém né?! Então tem certos momentos que é ruim, às vezes você quer ter uma companhia e não tem.”
(Participante 7)

Tabela 9. A relação entre vida profissional e solteirice na visão feminina e masculina

A relação entre vida profissional e solteirice - visão feminina	f	A relação entre vida profissional e solteirice - visão masculina	f
Trabalho/profissão influenciou a solteirice	5	Trabalho/profissão influenciou a solteirice	7
<i>A prioridade dada à busca por independência financeira e qualificação profissional</i>		<i>Mudanças e oportunidades constantes em função do trabalho</i>	
<i>O tipo de profissão influenciou a forma como pensa os relacionamentos</i>		<i>Prioridade para trabalhar e obter estabilidade financeira</i>	
<i>Ambiente de trabalho tipicamente masculino proporcionou uma visão diferente dos homens</i>		<i>O trabalho não me deu estabilidade financeira necessária para casar</i>	
		<i>Profissão proporcionou muitas possibilidades de relacionamentos amorosos</i>	
		<i>Dedicação aos estudos</i>	
Trabalho não influenciou a solteirice	3	Trabalho não influenciou a solteirice	1
<i>Trabalho não influenciou a solteirice</i>			
<i>Não foi o trabalho, foi a forma como conduzi a minha vida</i>			
Ponto negativo	5	Ponto negativo	2
<i>As grandes corporações consideram as mulheres solteiras com mais de quarenta anos irresponsáveis</i>		<i>Homens casados são vistos como mais confiáveis do que os homens solteiros</i>	
<i>Mulheres casadas têm mais oportunidades de ascensão</i>			

<i>profissional</i>			
<i>Pessoas solteiras trabalham mais que pessoas casadas</i>			
<i>Mulheres solteiras são preteridas nas empresas em relação às casadas quanto aos benefícios</i>			
Ponto positivo	1	Ponto positivo	1
<i>Foco no trabalho</i>		<i>Foco no trabalho</i>	

Quando perguntadas se elas achavam que a profissão tinha alguma influência no seu estado civil, cinco participantes responderam que sim, enquanto que três disseram que não houve qualquer influência, como pode ser visto na tabela acima e nos trechos das entrevistas abaixo:

“Acredito que sim...acredito que sim..porque ai não só a profissão mas também eu acho que a questão do pensar, por exemplo...como eu penso que a mulher tem que ter a sua independência, o seu espaço, o seu tempo, isso é proporcionado pela profissão.” (Participante 11)

“Não, eu acho que foi a forma como eu conduzi a minha vida...de sair, de querer aproveitar mais, de querer viajar mais e não pensar no casamento, mas eu acho que não foi a profissão não.” (Participante 9)

Já entre os homens sete participantes disseram que a profissão influenciou o seu estado civil, enquanto que apenas um disse que não.

“Acredito que sim, porque optei em focar na minha vida profissional para alcançar a minha estabilidade financeira...até porque para o homem tem essa cobrança maior de ser o provedor.” (Participante 1)

Logo, os resultados acima podem indicar que com as conquistas advindas com o movimento feminista, as mulheres obtiveram uma maior independência,

autonomia o que levou à maior participação da mulher no mercado de trabalho e ao aumento do seu grau de escolaridade. Essas e outras mudanças fizeram com que se abrissem novas oportunidades, de forma que elas não ficassem restritas somente a atividades centradas no cuidado da casa e dos filhos (Jablonski, 2010).

Com isso é cada vez mais frequente encontrarmos homens e mulheres que abdicam do casamento e de terem filhos, para priorizar o aspecto profissional. Esse dado é confirmado no estudo anteriormente mencionado de Andrade (2007), nos quais os resultados encontrados apontam que tanto homens como mulheres estão em busca de melhor inserção profissional, rompendo mais com os estereótipos e tradições em torno da família e do casamento.

O estudo de Tavares (2008) também encontrou resultados semelhantes. Seus resultados apontam que as mulheres que são mais liberadas sexualmente, independentes e sucedidas profissionalmente é que preferem ficar sozinhas a abrir mão da sua liberdade, da sua realização pessoal e profissional. Já os homens, preferem investir nos estudos e na carreira profissional, e adiam ao máximo o casamento, pois ao contrário das mulheres não são excluídos do mercado matrimonial.

No estudo realizado por Zordan, Falcke e Wagner (2009) também foi constatado, que o casamento continua desejado, apesar de não estar entre os principais projetos de vida dos adultos jovens solteiros, sendo prioridade o sucesso profissional e a realização pessoal, tanto para homens como para mulheres.

Campelo (2006) e Gonçalves (2007) nos seus estudos somente com mulheres também encontraram resultados que apontam que as mulheres estão

nessa condição de solteira, em função de escolhas que foram priorizando em suas vidas, como a demarcação de um espaço no mercado de trabalho.

Logo, os resultados sugerem que o fato de homens e mulheres priorizem o aspecto profissional, podem impactar no estado civil de ambos.

Segundo Berquo (1986, apud Gonçalves 2007), as chances de casamento para homens e mulheres acima dos 30 anos no Brasil não são equivalentes: tomando por base a população brasileira do censo de 1980, mostra que na faixa etária a partir dos 34 anos, o número de homens para cada mulher diminui consideravelmente. Com isso, a probabilidade da mulher acima dos 30 anos permanecer solteira é muito maior se comparado ao homem que tenha essa mesma idade.

Além disso, as conquistas obtidas com a emancipação feminina possibilitaram maior autonomia, e conseqüentemente um maior grau de escolarização e conquista de independência financeira. Essas mudanças impactaram na configuração familiar e no formato como as relações sociais entre homens e mulheres estava estabelecida. Dessa forma, a escolaridade e a inserção profissional, proporcionaram às mulheres a construção de uma identidade e um reconhecimento social fora da maternidade e da conjugalidade (Gonçalves, 2007).

Logo, quanto mais escolarizadas e com renda mais alta, maiores as chances das mulheres ficarem sozinhas, uma vez que possuem mais condições de questionar as regras tradicionais de uma relação conjugal.

Tabela 10. O pensamento do senso comum sobre a solteirice feminina na visão feminina e masculina

Pensamento do senso comum sobre a solteirice de mulheres - visão feminina	f	Pensamento do senso comum sobre a solteirice de mulheres - visão masculina	f
Características pessoais negativas	13		
<i>Exigentes demais</i>			
<i>Personalidade difícil</i>			
<i>Independente demais</i>			
<i>Complicadas</i>			
<i>Mal resolvidas</i>			
<i>Há algo de errado com elas</i>			
<i>Irresponsáveis</i>			
São socialmente penalizadas	9	São socialmente penalizadas	2
<i>As pessoas não entendem como uma mulher com qualidades pode estar sozinha</i>		<i>A mulher não é realizada porque não casou nem teve filhos</i>	
<i>As pessoas no meu trabalho querem por querem encontrar algum companheiro para mim</i>		<i>As mulheres sofrem mais por serem solteiras</i>	
<i>Se pensa que estão desamparadas por não ter um companheiro</i>			
<i>Discriminação da mulher pelo estado civil de solteira</i>			
<i>É mais vantagem você dizer que é separada do que dizer que é solteira</i>			
<i>Ideal de felicidade feminina que está associado ao casamento e à maternidade</i>			
<i>Solteirice é um termo pejorativo que incomoda</i>			
Objeto de escolha e da não escolha dos homens	6	Objeto da escolha e da não escolha dos homens	9
<i>Ficou para tia</i>		<i>Ficou para tia</i>	
<i>Encalhada</i>		<i>Encalhada</i>	
		<i>Encalhada, por que escolhem demais</i>	
		<i>Encalhada, por que não conseguem um relacionamento</i>	
<i>Rejeitada pelos homens</i>		<i>Pessoa ruim que ninguém quer se aproximar</i>	

<i>A mulher é um objeto de escolha do outro</i>			
<i>São solteiras porque não tiveram uma oportunidade de ter um relacionamento</i>			
Autonomia	6	Autonomia	4
<i>Ser independente</i>		<i>Independente</i>	
<i>Ter liberdade de escolha</i>		<i>Independente do homem</i>	
<i>Não ter que dar satisfação para ninguém</i>		<i>Absolutamente independente</i>	
<i>Poder experimentar algo diferente</i>			
Situação normal	5	Maternidade	3
<i>Situação com perdas e ganhos</i>		<i>Abdicaram da maternidade pelo trabalho</i>	
<i>Ser normal como qualquer outra pessoa</i>		<i>As mulheres solteiras sofrem por terem abdicado da maternidade</i>	
Ameaça social	4	<i>As mulheres solteiras passam pela crise da maternidade</i>	
<i>Consideradas um perigo pelas outras mulheres</i>			
<i>Os homens tem medo das mulheres solteiras</i>			
<i>São amantes</i>			
Escolha não acertada	3	Aspecto profissional	2
<i>Consequência das escolhas que fizeram para a vida e que atualmente incomodam</i>		<i>Busca por melhores condições profissionais</i>	
<i>Opção da qual se arrepende</i>			
Situação momentânea	2	Relacionamento malsucedido	1
<i>Situação momentânea</i>		<i>Já teve muito relacionamento e deu tudo errado</i>	
<i>Não se é solteiro, se está solteiro</i>			
Homossexual	2		

Diante dos resultados apresentados acima, apesar de todas as transformações sociais, econômicas, culturais e políticas que vem acontecendo

tanto homens como mulheres consideram que a sociedade atribui muito mais elementos negativos do que positivos às mulheres que se encontram solteiras.

Apesar da cobrança para o estabelecimento de uma relação pautada de acordo com os padrões tradicionais ter diminuído ainda há bastante pressão social para que adultos se casem. Diante dessa exigência, as pessoas solteiras ainda continuam sendo alvos de estereótipos. A condição de estar solteira no caso das mulheres, continua atrelada as expressões pejorativas, semelhantes aos estereótipos encontrados no Estudo 01: “ficou para titia”, “enclhada”, “solitária”, “infeliz”, “problemática”, encontradas também nas pesquisas de Andrade (2012) e de Santos (2012).

Os trechos abaixo, exemplificam essa questão:

“O que pessoas de gerações antes da minha pensam, eu tenho certeza, ficou para titia, é o que eles falam. Eles não tem essa visão moderna de hoje de dizer assim, não a opção dela foi ficar sozinha até então, é uma opção...não é sempre a rejeição que é colocado em primeiro lugar.” (Participante 15)

“A nossa sociedade ainda é muito patriarcal então acham que essas mulheres são enclhadas....a realização da mulher não é profissional, é familiar...a mulher está realizada quando ela está casada e tem filhos.” (Participante 7)

Diante dos resultados apresentados acima, podemos dizer que temos aí a objetivação, a cristalização e homogeneização da representação da mulher solteira, composta pelos elementos imagéticos como: *enclhada, ficou para titia, complicada, personalidade difícil*. Uma vez que, apesar de todas as mudanças que vem ocorrendo nos últimos anos, essas representações encontram-se tão

cristalizadas que se fazem reais, e são reproduzidas socialmente como parte de um discurso natural.

Com isso podemos dizer que o processo de formação da representação social, a objetivação é nitidamente encontrada na representação de homens e mulheres sobre a mulher solteira, sendo ancorada em estereótipos por elementos que estão enraizados no discurso social dominante, que ainda convive com resquícios patriarcais e modelos heteronormativos. Sabemos que com essa representação cristalizada, a extinção desses estereótipos torna-se ainda mais difícil.

Outro achado importante nesta categoria é que as mulheres que estão solteiras são socialmente desprivilegiadas pelo fato de não terem se casado e não terem filhos. Logo, a falta de constituição de uma família faz com que ela perca o seu lugar social, uma vez que a posição feminina na sociedade ainda está bastante associada ao casamento e a maternidade.

Sendo assim, a solteirice é percebida como um desajuste social. Caso a mulher não cumpra com os papéis socialmente prescritos, isto é, de casar e de ter filhos ela passa a ser considerada fora da norma, e conseqüentemente uma ameaça.

Diante dos resultados acima, podemos constatar que o celibato, isto é, o não casamento continua sendo representado enquanto uma ameaça sobre a vida das mulheres, pois uma vez que essas mulheres negam suas “inclinações naturais” - o matrimônio, a maternidade e os afazeres domésticos – elas confirmam o fracasso feminino, uma vez que arranjar marido é, e continua sendo a maior conquista de uma mulher (Tavares, 2011).

Outro aspecto relevante nessa categoria, e que também está presente no Estudo 01, é que enquanto os homens são seletivos e fizeram à opção de estar solteiros como veremos mais a frente, as mulheres são exigentes e escolhem demais.

Também vale ser ressaltado que tanto mulheres como homens apontam o elemento autonomia como uma característica da mulher solteira. Entretanto, como pode ser verificado nas tabelas acima, enquanto que as unidades de registro que compõem a categoria autonomia na visão feminina são compostos de termos positivos, tais como: *ser independente, ter liberdade de escolha, não ter que dar satisfação para ninguém e poder experimentar algo diferente*, na visão masculina as respostas dadas nas entrevistas, tiveram claramente uma conotação negativa, como: *independente do homem e absolutamente independente*, como se o elemento liberdade/autonomia fosse visto enquanto um excesso e não uma virtude.

Esse achado pode ser evidenciado no trecho abaixo da entrevista:

“Todas que eu conheci que tem uma capacidade e uma possibilidade de relacionamento e não querem são absolutamente independentes, exigem essa independência...todas que eu conheci são dessa forma.” (Participante 4)

Tabela 11. O pensamento do senso comum sobre a solteirice masculina nas visões feminina e masculina

Pensamento do senso comum sobre a solteirice de homens - visão feminina	f	Pensamento do senso comum sobre a solteirice de homens - visão masculina	f
Características pessoais negativas	8	Características pessoais negativas	11
<i>“Garanhão”</i>		<i>Pessoa que não vale nada</i>	
<i>Problemático</i>		<i>O desgarrado, o ovelha negra por não ter casado</i>	
<i>Cheio de manias</i>		<i>Não tem dinheiro para bancar uma família</i>	

<i>Problema psicológico</i>		<i>Solteiros são vistos como irresponsáveis e descomprometidos</i>	
<i>Sistemático</i>		<i>É uma pessoa difícil de lidar, tem muitos defeitos</i>	
<i>Não conseguem estabelecer uma relação</i>		<i>“Galinha”</i>	
		<i>Irresponsáveis</i>	
<i>Seletividade/Opção</i>	7	<i>Seletividade/Opção</i>	4
<i>Priorizaram alguma área na vida profissional</i>		<i>Seletivo</i>	
<i>Podem casar, quando quiserem</i>		<i>Está esperando a pessoa certa</i>	
<i>Optaram por ter outras relações sem o vínculo</i>		<i>É uma pessoa responsável e está esperando a hora correta de seguir o rumo</i>	
<i>Opção</i>		<i>Opção</i>	
<i>Não casou porque não encontrou a mulher certa</i>			
<i>Não casou porque não quis</i>			
<i>Não casou porque quer aproveitar a vida</i>			
<i>Homossexualidade</i>	5	<i>Homossexualidade</i>	6
<i>“Gay”</i>		<i>“Veado”</i>	
<i>“Gay enrustido”</i>		<i>Sexualidade indefinida</i>	
<i>Homossexual</i>		<i>Questão da sexualidade da pessoa</i>	
		<i>Várias questões estranhas de direcionamento sexual</i>	
<i>Relacionamentos malsucedidos</i>	1	<i>Relacionamentos malsucedidos</i>	2
<i>Dependentes emocionalmente de relações mal resolvidas</i>		<i>Desilusão amorosa</i>	
		<i>Já teve muito relacionamento e deu tudo errado</i>	
		<i>Características pessoais positivas</i>	2
		<i>Homens de sorte</i>	
		<i>Ser solteiro é uma coisa muito boa</i>	

Assim como a definição da solteirice feminina foi marcadamente caracterizada por elementos negativos, a solteirice masculina também foi alvo de

atributos predominantemente negativos. Como já mencionado acima é cada vez mais frequente encontrarmos homens e mulheres que abdicam do casamento e de terem filhos, para priorizar o aspecto profissional (Andrade (2007).

Os resultados acima revelam que o *status social* do casamento, ainda é bastante valorizado em nossa sociedade, uma vez que a solteirice masculina também não é vista de uma maneira positiva.

Outro elemento que foi bastante frequente tanto na visão das mulheres como na visão dos homens na definição da solteirice masculina foi à questão da seletividade. Enquanto para os homens essa característica é percebida como algo positivo, esse mesmo elemento, isto é, a seletividade é avaliado negativamente para a mulher fazendo com que a leve a condição de solteira.

O elemento homossexualidade também foi bastante presente tanto na fala das participantes femininas como na fala dos participantes masculinos, como retratado nos trechos das entrevistas abaixo:

“Ahh que são gays... ahh que são gays...ahh que são muito problemáticos, que não sabem estabelecer uma relação, um compromisso, um afeto...que na verdade sai com uma ou outra eventualmente, que não consegue estabelecer uma relação de fidelidade e de compromisso e principalmente ligado a homossexualidade.” (Participante 14)

“Uma é que é veado, primeira de cara, outra e que não quer nada com a vida...ah podem pensar também que são enrolados ou que a pessoa não vale nada, ou que tem muitos defeitos, também podem pensar que é uma questão de opção que não quiseram casar.” (Participante 2)

Conforme já mencionado anteriormente, Tavares (2010) em seu estudo encontrou resultados que indicam que os homens que encontram-se solteiros são alvos de brincadeiras e insinuações sobre sua sexualidade.

Dessa forma, a solteirice masculina é relacionada pelos participantes com à homossexualidade.

Tabela 12. Relação conjugal na visão feminina e masculina

Relação Conjugal - visão feminina	f	Relação Conjugal - visão masculina	f
Já pensaram em se casar	6	Já pensaram em se casar	8
<i>Já pensou em se casar, mas não encontrou a pessoa certa</i>		<i>Já pensou em se casar, mas não encontrou a pessoa certa</i>	
<i>Já pensou em se casar, mas não quis abrir mão da independência</i>		<i>Já pensou em se casar, mas não se casou porque quis conquistar primeiro a independência financeira</i>	
<i>Já pensou em se casar, mas não se casou porque não gosta da ideia negativa de compromisso</i>		<i>Já pensou em se casar várias vezes, mas não se casou porque pensou duas vezes</i>	
<i>Já pensou em se casar, mas não se casou porque não gosta de dar satisfação</i>		<i>Já pensou em casar, mas por questões pessoais da parceira não pode casar</i>	
<i>Já pensou em se casar, mas não se casou porque não queria ter uma vida com rotina</i>		<i>Já pensou em casar, mas tinha valores pessoais e religiosos muito diferentes das parceiras</i>	
<i>Já pensou em se casar, mas não se casou porque não tinha objetivos em comum com a pessoa</i>		<i>Já pensou em casar, mas pouco pensa mais em ter filhos</i>	
<i>Já pensou em se casar, mas não se casou porque não queria abrir mão da vida profissional que tinha</i>			
<i>Já pensou em se casar, mas não se casou porque é avessa a ficar com a mesma pessoa o resto da vida</i>			
<i>Já pensou em se casar, mas não se casou porque não encontrou a pessoa com os mesmos valores que os seus</i>			
Não pensaram em se casar	2		
<i>Nunca pensou em se casar formalmente</i>			

<i>Nunca quis casar, sempre quis ter uma companhia, um companheiro</i>			
Representações positivas sobre o casamento	12	Representações positivas sobre o casamento	7
<i>É uma relação de cumplicidade</i>		<i>O casamento é uma coisa boa</i>	
<i>É uma busca de todas as pessoas</i>		<i>O casamento é uma coisa boa, se houvesse respeito às individualidades</i>	
<i>Me espelho no casamento bem-sucedido dos meus pais</i>		<i>É uma instituição tanto pessoal quanto legal e que merece a sua atenção</i>	
<i>É uma relação feita para compartilhar: momentos tristes, felizes, apoio profissional, emocional e financeiro</i>		<i>O casamento é uma virtude, porque é uma arte de convivência</i>	
<i>O casamento é uma instituição séria</i>		<i>Quando a pessoa deseja essa construção, é interessante</i>	
<i>É uma opção de vida que pode trazer coisas positivas</i>		<i>Todo mundo tem vontade de casar num determinado ponto da vida</i>	
<i>Tem vantagens financeiras, porque pessoas casadas conseguem conquistar mais bens materiais do que pessoas solteiras</i>		<i>Me espelho no casamento dos meus familiares, pais e irmãos</i>	
<i>O casamento te proporciona ter filhos</i>			
Condições para o casamento ser algo positivo	10		
<i>O casamento é uma coisa legal, desde que homens e mulheres desempenhem os mesmos papéis</i>			
<i>O casamento não pode ser sinônimo de perda de liberdade</i>			
<i>É necessário ter respeito</i>			
<i>É necessário ter maturidade e estar bem psicologicamente para conciliar as diferenças</i>			
<i>É necessário ter sua individualidade</i>			
<i>Não pode ser algo que te frustre ou que te diminua</i>			
<i>Não pode ser uma obrigação</i>			
<i>Tem que ser uma relação de ajuda sem que a pessoa seja diminuída</i>			

<i>Tem que manter as expectativas baixas sobre o casamento.</i>			
Conjugalidade não é obtida apenas pela oficialização do casamento	7	Conjugalidade não é obtida apenas pela oficialização do casamento	3
<i>Formalidades são desnecessárias</i>		<i>Formalidades são desnecessárias</i>	
<i>Pretende ter alguém para morar junto, mas sem oficializar a união</i>		<i>Um contrato entre os dois especificamente e não com a sociedade</i>	
<i>Existe uma pressão para oficializar relacionamentos informais com o casamento</i>		<i>Hoje em dia você não precisa estar casado em cartório, na Igreja para constituir uma família decente</i>	
<i>Tem o apoio no relacionamento, mesmo sem ser um casamento.</i>			
Perda de autonomia	4		
<i>Exercício diário de você ceder um pouco</i>			
<i>Tem que ter muito compromisso um com o outro</i>			
<i>Os homens não querem se casar porque querem experimentar e não querem se fixar em uma pessoa só</i>			
<i>Ser casado é diferente de ser solteiro devido ao compromisso.</i>			
Não possui nada contra o casamento	4		
É um pouco difícil mulheres com mais de quarenta anos se casarem	1		
Infelizmente as pessoas estão abrindo mão de se casarem	1		

Enquanto que todos os participantes masculinos responderam que já pensaram em se casar, por outro lado por uma questão cultural esperava-se que todas as mulheres também respondessem positivamente, mas encontramos duas participantes que disseram que são a favor do estabelecimento da relação conjugal, mas contra as formalidades do casamento.

Os relatos a seguir explicitam bem essa questão:

“Eu nunca quis, eu não sou uma pessoa muito presa a essas coisas formais né?! Então eu nunca tive essa vontade, nunca quis né?! Não quero e não pretendo, mas assim ter alguém para morar junto, alguém que seja legal, bacana, lógico que eu tenho esse desejo”. (Participante 12)

“Casar não, no modelo padrão não...mas eu queria sim morar com uma pessoa, viver com uma pessoa...pro resto da minha vida” (Participante 13)

Além desse número expressivo de participantes que demonstraram vontade em se casar, os resultados acima apontam que eles possuem representações bastante positivas sobre o casamento.

Outro achado importante refere-se ao fato que tanto mulheres como homens entendem que a conjugalidade não é obtida apenas pela oficialização do casamento. Existem diferentes configurações que podem ser atribuídas à família e que os relacionamentos amorosos podem ser vivenciada fora dos padrões prescritos de conjugalidade.

Essas novas formas de arranjos familiares, impactam diretamente na instituição do casamento, pois segundo Jablonski (2005, p. 95), “todas as formas alternativas se contrapõem ao modelo tradicional, e vão redefinindo na prática o conceito de família ou as expectativas quanto ao casamento tradicional”. Com isso, o casamento tradicional passa a representar uma opção entre tantas outras existentes (Coutinho & Menandro, 2009).

Apesar da maternidade também ser uma questão tão marcante na vida da mulher, também encontramos três participantes que relataram que nunca tiveram o desejo de ter filhos. Já entre os participantes masculinos, três disseram não ter vontade enquanto que os demais manifestaram o interesse em ter filhos.

As tabelas abaixo explicitam as justificativas utilizadas por mulheres e homens para explicar os motivos que os levam a querer ou não filhos. Vale ressaltar que a (o) mesma (o) participante pode ter dado mais de uma explicação ou até a (o) mesma (o) explicação que outro participante.

Tabela 13. Perspectiva de ter filhos na visão feminina e na visão masculina

Filhos - visão feminina	f	Filhos - visão masculina	f
Pretende ter filhos	5	Pretende ter filhos	5
<i>Pretende ter filhos, mas apenas se tiver casada ou com alguém</i>		<i>Pretende ter filhos</i>	
<i>Pretende ter filhos, mas filhos biológicos e teria que encontrar uma pessoa legal com quem valesse ter um filho</i>		<i>Pretende ter filhos, mas sem prazo definido</i>	
<i>Pretende ter filhos, só não sabe se biológico ou se irá adotar</i>		<i>Pretende ter filhos, ter filhos é o sonho de todo mundo</i>	
<i>Maternidade é mais importante do que a conjugalidade</i>			
Não pretende ter filhos	3	Não pretende ter filhos	3
<i>Já pensou em ter filhos, mas no momento não deseja</i>		<i>Não pretende ter filhos</i>	
<i>Ter filhos resultaria na perda da liberdade</i>		<i>Não pretende ter filhos, já está em paz consigo mesmo</i>	
<i>Não pretende ter filhos, e a idade não permite mais que tenha filhos</i>		<i>Não pretende ter filhos, mas a namorada pretende</i>	
<i>Ter filho é algo muito sério, não se pode ter filho com qualquer pessoa</i>			
<i>Não pretende ter filhos, nunca teve vontade</i>			
<i>Não pretende ter filhos, nunca pensou em ter filhos</i>			

As mudanças advindas com o movimento feminista levaram ao aumento das oportunidades educacionais e profissionais. Embora, algumas diferenças de gênero persistam, principalmente no contexto educacional, atualmente as meninas têm sido educadas como os meninos, para acreditar em suas

capacidades e lutar pela sua carreira, valorizando sua independência (Rocha-Coutinho, 2005).

Com isso, a antiga identidade da mulher começa a ser alterada, fazendo com que as participantes experimentem outras possibilidades para além do casamento e maternidade (Rocha-Coutinho, 2005) ou outras formas de vivenciá-la, como a adoção.

Os dados apresentados na tabela 16, mostram que apesar de homens e mulheres não priorizarem o casamento e a constituição da família, com filhos, ambos ainda sofrem pressões sociais de familiares, amigos e até no ambiente de trabalho para estabelecer esses tipos de relações.

Tabela 14. Papéis sociais da mulher na visão feminina e masculina

Papéis sociais da mulher - visão feminina	f	Papéis sociais da mulher - visão masculina	f
Os mesmos dos homens	4	Os mesmos dos homens	6
Ser autônoma	7	Ser autônoma	2
<i>Ser independente financeiramente</i>			
<i>Ser emocionalmente independente</i>			
<i>Ser autossuficiente</i>			
Casamento	7		
<i>Mulher só pode sair da casa dos pais se casar</i>			
<i>Casar</i>			
<i>Ter marido</i>			
<i>Trazer afeto e serenidade para a relação conjugal</i>			
Maternidade	4	Maternidade	2
<i>Ter uma família</i>		<i>Maternidade</i>	
<i>Ser mãe</i>		<i>Maternidade, incumbência social</i>	
<i>Maternidade, mesmo pela via da adoção</i>			
Trabalhar/estudar	3	Ter uma boa profissão	1

Realizar-se afetivamente	1		
Valores éticos e morais	1	Valores éticos e morais	3
		<i>Ser cidadã</i>	
		<i>Ser trabalhadora</i>	
		<i>Ser honesta</i>	
		Aparência	2
		<i>Estar bonita e elegante</i>	
		<i>Poder se dedicar a estética, comprar as suas roupas e tudo</i>	
		Responsabilidade	2

Diante dos resultados apresentados acima, percebemos que os papéis sociais das mulheres ainda permanecem associados aos papéis tradicionais prescritos para elas, ou seja, casar e ter filhos. Os relatos a seguir explicitam bem essa questão:

“Os papéis sociais...ah eu acho que ser responsável, ter uma boa profissão, cuidar da casa...mas a mulher só está realizada quando ela se casa e tem filhos” (Participante 7)

“Eu acho que se equivaleria ao do homem adulto, e é claro que existe uma condição especial que é a maternidade, então querendo ou não a mulher carrega essa incumbência natural” (Participante 3)

Esse achados retratam os resquícios de uma cultura patriarcal, que enfatiza que a mulher só será completa e feliz quando conseguir um homem para viver para sempre ao seu lado. São os papéis socialmente construídos no tradicional modelo de felicidade lar-marido-filhos, que valoriza o estatuto conjugal (Gonçalves, 2011).

Além disso, somos ensinados desde quando nascemos que as mulheres são sensíveis, enquanto os homens são racionais e essa concepção pode ser exemplificada no trecho abaixo da entrevista:

“Eu acho que assim sempre a questão de contribuir, ou de partilhar, enfim...de ter esse afeto, de trazer um pouco essa serenidade para essa relação...alguma coisa assim” (Participante 16)

Logo, esse resultado retrata que essa questão de trazer afeto e serenidade estão relacionados ao estereótipo de delicadeza e afetividade, associado ao feminino.

Tabela 15. Papéis sociais do homem na visão feminina e masculina

Papéis sociais do homem - visão feminina	f	Papéis sociais do homem - visão masculina	f
Valores éticos e morais	7	Valores éticos e morais	9
<i>Ser trabalhador</i>		<i>Ser trabalhador</i>	
<i>Ser honesto</i>		<i>Ser honesto</i>	
<i>Ser cidadão</i>		<i>Ser cidadão</i>	
<i>Ser íntegro, ter ética e moral</i>		<i>Ter uma boa profissão</i>	
<i>Ser batalhador</i>		<i>Ter boa postura</i>	
		<i>Ter respeito</i>	
		<i>Ser um educador para as novas gerações poderem ter uma referência</i>	
Ser autônomo	7	Responsável	4
<i>Ser independente financeiramente</i>		<i>Responsabilidade</i>	
<i>Ser financeiramente responsável</i>		<i>Responsabilidade consigo</i>	
		<i>Responsabilidade com o próximo</i>	
Características pessoais	5	Ser útil	2
<i>Ser bem resolvido</i>		<i>Ser útil para ele próprio</i>	
<i>Ter maturidade</i>		<i>Ser útil para as pessoas que estão em volta, para a sociedade</i>	

<i>Ser decidido</i>			
Os mesmos das mulheres	4		
Provedor	2	Provedor	2
<i>Ser o Provedor</i>		<i>Ser o Provedor</i>	
		<i>Ser financeiramente responsável</i>	
Aspectos relacionais	2	Dar exemplo	1
<i>Apoiar e ser apoiado</i>		Dedicar tempo	1
<i>Saber ceder</i>		Cuidar da casa	1

Os resultados acima demonstram como tanto mulheres como homens acreditam que a sociedade ainda endossa os papéis tradicionais prescritos para homens e mulheres e reafirmam as formas prevaletentes impostas pelas instituições patriarcais da sociedade que se baseavam no modelo tradicional de divisão sexual assimétrica do trabalho, no qual reservava a mulher o papel de dona de casa, e ao homem o papel de provedor (Matos, 2005).

No estudo realizado por Guareschi, Oliveira, Giannechini, Communello, Nardini, & Pacheco (2002), os autores também constataram que desde cedo as atividades direcionadas aos meninos e meninas são demarcadas por diferenças de gênero. Enquanto é exigido dos meninos que realizem suas atividades no espaço público, é prescrito para as meninas o serviço doméstico.

As características encontradas nos achados acima, tais como: ser autônomo, provedor, responsável, ser útil estão diretamente relacionados com o papel socialmente esperado para o homem. Além disso, os valores morais e éticos são delineados mais como papéis masculinos do que como papéis femininos.

Os resultados acima reforçam a representação social de que as meninas são mais dóceis, mais delicadas e que seus papéis são fortemente associados a papéis secundários e submissos. Já nos meninos inculca-se a crença de um homem viril, corajoso, forte, esperto, conquistador e imune às fragilidades, inseguranças e angústias da vida. Espera-se a iniciativa, a agressividade, isto é, características de pessoas fortes e vencedoras, os provedores (Osterne, 2001).

Outro resultado que teve uma frequência expressiva, é que tanto mulheres como homens acreditam que os papéis sociais deles são os mesmos. Assim, os nossos achados contribuem para reafirmar as posições das autoras Sorj (2005) e Matos (2005) que constataram que percepções menos hierarquizadas tendem a ser encontradas em indivíduos com maior escolaridade e que estejam inseridos no mercado de trabalho.

Apesar dos dados acima demonstrarem que mulheres e homens compartilham da ideia de que os papéis sociais são os mesmos, vale ser ressaltado que quando perguntamos sobre os papéis sociais das mulheres, alguns participantes do sexo feminino e masculino responderam que seriam os mesmos dos homens. Já quando perguntados sobre os papéis sociais dos homens, apenas algumas participantes do sexo feminino responderam dizendo que eram os mesmos das mulheres, enquanto nenhum participante do sexo masculino respondeu que era o mesmo da mulher.

Dessa forma, apesar de nossos achados corroborarem com as posições das autoras Sorj (2005) e Matos (2005), é importante pontuar como que a sociedade acredita que as atividades domésticas, o cuidado e o afeto são de responsabilidade das mulheres, enquanto que o provimento financeiro é

responsabilidade dos homens. Logo, é perceptível como que a divisão sexual é tão cristalizada no imaginário social (Jablonski, 2010).

Tabela 16. Pressão social na visão feminina e masculina

Pressão social - visão feminina	F	Pressão social - visão masculina	f
Há cobrança	4	Há cobrança	7
<i>Pela família</i>		<i>Pela família</i>	
<i>Pelos amigos</i>		<i>Pelos amigos</i>	
		<i>Pelos pais</i>	
		<i>Pelos amigos casados</i>	
		<i>Pela empresa</i>	
		<i>Na brincadeira</i>	
		<i>É cobrado mais pela paternidade</i>	
Não há cobrança	4	Não há cobrança	1
<i>Não há cobrança</i>		<i>Não é cobrado, pois existem outras pessoas solteiras na família</i>	
<i>Não casamento, mas pela maternidade</i>			
<i>Os pais já desistiram</i>			

As mulheres relataram que são cobradas tanto pela família quanto pelos amigos. Diferentemente dos homens, essas cobranças nunca foram feitas em tom de brincadeira. Além disso, relatam que junto com a pressão do casamento, sempre apareceu à pressão para a maternidade. Algumas delas destacaram que as pessoas as olham com um olhar diferente, e que a sensação que elas têm e que são vistas como estranhas pelo fato de não terem casado e não terem tido filhos.

“Sempre perguntavam e aí quando é que vai ser o seu casamento, como é que é isso e não sei o que lá...e aí você está namorando, já marcou o casamento não sei o quê...então sempre houve uma cobrança.” (Participante 11)

“Eu acho que tem essa cobrança..todo mundo associa muito a felicidade, a amar, a ter outra pessoa, a ter família, e então eu acho que de alguma maneira mesmo que às vezes veladamente existe assim uma cobrança.” (Participante 12)

“Curiosamente eu não sou cobrada pela minha família...mas os amigos cobram...socialmente eu sou cobrada... namora há tanto tempo, não é casada... minhas amigas acham um absurdo entendeu...socialmente é super negativo. Questão da maternidade idem...como assim você não vai ter um filho? A cobrança é grande para casar e ter filho”. (Participante 14)

Já sete dos homens quando perguntados se sofrem algum tipo de pressão social seja de família ou de amigos, responderam que já sofreram algum tipo de cobrança, alguns relatam que a pressão é feita mais num tom de brincadeira. Apenas um participante relatou que além da cobrança da família e dos amigos, indiretamente também sofre pressão da empresa na qual trabalha. Segundo ele, as oportunidades de crescimento geralmente são disponibilizadas para os empregados que são casados, pois os solteiros são vistos como irresponsáveis.

“Olha sempre tem uma cobrançazinha...você não vai arrumar ninguém não? Vai ficar sempre assim?” (Participante 3)

“Sempre fui cobrado pela família, pelos amigos e pela empresa também.”
(Participante 2)

Diante dos resultados acima, percebemos que apesar de terem ocorrido mudanças na família e no casamento, homens e mulheres ainda sofrem pressão

para estabelecer uma relação conjugal pautada nos padrões estabelecidos pela sociedade, denunciando que, ainda há resquícios de uma cultura patriarcal que orienta os modelos de casamento e de família considerados “corretos”.

Enquanto a mulher sofre uma pressão social maior, as cobranças sobre os homens são feitas de forma sutil e dissimulada. A mulher que não se casa é considerada incompleta e anormal, o casamento não pode ser visto como opção ou projeto de vida, mas como ritual que obrigatoriamente tem que ser cumprido. Já para o homem, a condição de solteiro significa liberdade e aventura, em virtude disso o matrimônio não tem um prazo estabelecido para acontecer (Tavares, 2010).

Essas diferenças existentes entre homens e mulheres com relação à cobrança para o casamento, também é verificada quando o assunto é maternidade e paternidade.

Desde quando nascemos, convivemos com a crença de que as mulheres já estão prontas e preparadas para a maternidade, enquanto, que os homens passam por um processo de amadurecimento para estar apto a cumprir a paternidade (Trindade & Enumo, 2002).

Este tipo de representação é caracterizada pelo determinismo biológico, que dissemina a crença de que são os órgãos sexuais é que determinam modelos e papéis de gênero a serem seguidos por homens e mulheres (Trindade & Enumo, 2002; Jesus, 2012).

Sendo assim, o casamento e a constituição de família, com filhos recai para os adultos como exigências que devem ser cumpridas para o alcance de um *status* diferenciado perante à sociedade.

Tabela 17. Discriminação na visão feminina e masculina

Discriminação - visão feminina	f	Discriminação - visão masculina	f
Há discriminação	7	Há discriminação	2
<i>Há discriminação</i>		<i>Há discriminação</i>	
<i>Há discriminação, porém não se sente discriminada</i>		<i>Há discriminação, porém a discriminação contra a mulher é maior</i>	
<i>Há discriminação, sente-se desconfortável pelo fato de não ser mãe e por não ter um marido</i>			
<i>Há discriminação, principalmente quando participa de eventos sociais ou de trabalho e sem ter companhia</i>			
<i>Há discriminação, porque ter um marido é uma questão de status e as mulheres discriminam mais por esse motivo</i>			
<i>Há discriminação, porque são consideradas irresponsáveis</i>			
<i>Há discriminação, em forma de piada e julgamentos estereotipados - encalhada, homossexual e promiscua</i>			
<i>Há discriminação, quando tem que fazer alguma coisa que envolve o universo masculino – pedreiro, oficina mecânica</i>			
Não há discriminação	1	Não há discriminação	6
<i>Não há discriminação</i>		<i>Não há discriminação</i>	
		<i>A pressão é maior para as pessoas casadas e que não tem filhos</i>	
		<i>Os homens não são discriminados, mas as mulheres são</i>	

Quando perguntadas se achavam que os indivíduos acima dos quarenta anos que ainda não haviam se casado, sofriam discriminação apenas uma

participante respondeu que acha que não há discriminação, enquanto que sete disseram que há discriminação.

Os motivos elencados acima pelas mulheres para justificar a discriminação são pautadas na experiência das participantes, e uma unidade de registro que teve uma frequência expressiva refere-se ao fato de que a mulher se sente discriminada principalmente quando participa de eventos sociais, ou seja, quando há uma exposição da mulher solteira fora da esfera doméstica sem um companheiro. Esse achado retrata mais uma vez, a cobrança social que a mulher sofre, na qual a sua figura tem que estar sempre associada ao lado de um homem.

O trecho abaixo é capaz de exemplificar essa questão:

“Eu não me sinto discriminada, mas tem sim...é porque eu não me importo muito com as coisas, mas uma vez eu passei por uma situação que a pessoa falou para mim, mas você já tem mais de quarenta anos e nunca casou, nunca teve filhos e como se eu não estivesse dentro dos padrões normais que eu deveria me encaixar ou deveria ter sido casada, ou deveria ter tido algum filho...mas eu acho que rola uma discriminação sim, mas bem velada.”

(Participante 9)

Dos oito participantes, seis afirmaram que acreditam que não há discriminação, enquanto que apenas dois disseram que existe discriminação, e ainda acham que a mulher sofre mais discriminação do que o homem.

“Ah com certeza, inclusive eu acho que a mulher chega a ser mais discriminada do que o homem.” (Participante 3)

“Eu acho que as mulheres são discriminadas, os homens não.”

(Participante 7)

Tendo em vista os resultados acima, percebemos que as mulheres solteiras ainda são o maior alvo de discriminação perante à sociedade.

Assim, os nossos achados evidenciam que apesar de todas as mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas que refletiram em transformações na família e na instituição do casamento, ainda é muito presente em nossa sociedade o discurso do modelo patriarcal no qual reserva a mulher o papel de dona de casa, e ao homem o papel de provedor.

Com isso, ocorre uma naturalização de determinadas crenças, valores e normas que tornam-se mais frequentes e habituais e são estabelecidas como referência. Logo se compreendemos que dentre essas crenças, valores e normas encontram-se aqueles relacionados às questões de matrimônio e de constituição de família como características socialmente prescritas e esperadas que sejam alcançadas por um indivíduo adulto, a pessoa que não conseguir cumprir com esses papéis e com os padrões pré-estabelecidos estão sujeitos aos estereótipos e ao preconceito do grupo, e conseqüentemente a atitudes preconceituosas (Menin, 2007; Arruda, Gonçalves & Mululo, 2008).

4. DISCUSSÃO INTEGRADA

Os elementos que foram comuns ao estudo 01 e 02 referente à representação social da “mulher acima dos quarenta anos que ainda não casou e teve filhos”, foram: *independente*, *liberdade*, *solidão*, *exigente*, *complicada*, *encalhada* e *titia*.

O termo *independente* teve uma frequência considerável tanto no Estudo 01 como também no estudo 02, sendo que neste último foi apontado como uma das maiores vantagens da condição de estar solteira. Esse resultado retrata possivelmente, que o elemento *independente* esteja presente no núcleo central das representações sociais de mulheres solteiras.

Já a expressão *liberdade* no estudo 01 foi encontrada na zona de contraste, no qual estão localizados os temas que tiveram uma frequência menos elevada, mas considerados importantes pelos sujeitos que evocaram. Esse dado se confirma no estudo 02, no qual o termo *liberdade* foi o elemento que teve uma frequência expressiva tanto na visão das mulheres como na visão dos homens.

Como já mencionado anteriormente, as mudanças que vem acontecendo nos últimos anos possibilitou as mulheres uma maior participação no mercado de trabalho, o aumento do seu grau de escolaridade, e conseqüentemente, as mulheres passaram a ser mais independentes e terem uma maior liberdade, e a ter a opção de fazer outras escolhas que não fossem somente aquelas centradas no casamento e na maternidade.

Outro elemento foi comum aos dois estudos, foi à expressão *sozinha*. No estudo 01, esse termo aparece no núcleo central tanto na avaliação de homens

como no das mulheres. Já no estudo 02, a questão da “falta de companhia” foi apontada pelas participantes como a principal desvantagem de estar solteira.

A questão do ser sozinha, da solidão feminina pode ser pensada enquanto elemento possivelmente central, pois aparece com bastante frequência nos dois estudos. As desvantagens de ser sozinha apontadas no estudo 02, foram associadas principalmente à solidão e a falta de companhia para eventos sociais.

Como já dito anteriormente, é possível que essa questão da solidão esteja relacionada com os resquícios da ideologia patriarcal que prega que para a mulher ser feliz e completa ela tem que ter um homem ao seu lado. Como se a condição do casamento, a isentaria de estar “só”.

Já com relação à questão da falta de companhia para eventos sociais, foi relatado pelas participantes do estudo 02 como algo que as incomoda demais, pois quando chegam a qualquer evento social desacompanhadas são vistas com bastante estranheza. Muitas delas relataram que muitas vezes deixam de comparecer a eventos como estes para evitarem constrangimento.

Por último, os elementos que foram comuns tanto no estudo 01 como no estudo 02, foram: *exigente, complicada, enalhada e titia*. Logo, esse resultado retrata que esses elementos estão relacionados com as condições históricas e sociais, uma vez que além de estarem presentes como estereótipos no estudo 01, os próprios participantes do estudo 02 que possuem idade superior a quarenta anos, acreditam que seja assim que a sociedade vê a mulher solteira. Com isso acabam reforçando e endossando esses elementos imagéticos da representação.

Já os elementos que foram comuns ao estudo 01 e 02 referente à representação social do “homem acima dos quarenta anos que ainda não casou e

teve filhos”, foram: *independente, liberdade, solidão, mulherengo, opção e homossexualidade*.

O elemento *independente* aparece na zona de contraste do estudo 01, tanto na avaliação dos homens como na avaliação das mulheres. Já no estudo 02, aparece associado à questão de ter independências nas escolhas. Esses resultados retratam o papel social esperado de um homem, uma vez que suas atividades sempre tiveram voltadas para o âmbito público. Diante disso, o papel masculino sempre teve associado à manutenção financeira do lar.

Já com relação ao termo *liberdade*, como já mencionado anteriormente esse elemento está associado à condição de solteiro, uma vez que as circunstâncias do casamento acabam privando os homens de gozarem de uma maior flexibilidade e liberdade.

Os homens solteiros tanto no estudo 01 como no estudo 02 assim como as mulheres também são representados como *sozinhos*. Entretanto, vale ser ressaltado que no estudo 01, o termo *sozinho* aparece no núcleo central segundo a avaliação dos homens. Já na avaliação das mulheres essa expressão aparece na primeira periferia. Isso pode demonstrar que quando as participantes do sexo feminino representam essa mulher solteira, a consideram como sozinha, já quando essas mesmas participantes têm que representar esse homem, não o consideram tão sozinho uma vez que talvez no imaginário delas a figura da mulher sempre ter que estar associada a homem, e já eles não precisariam ter essa mulher ao lado deles.

Possivelmente, o elemento que representa o núcleo central da representação do “homem com mais de quarenta anos que ainda não casou e

não teve filhos” seja o termo *mulherengo*. Essa expressão está presente no núcleo central do estudo 01, tanto na avaliação dos homens como na avaliação das mulheres. Já no estudo 02, o elemento que se assimila a palavra *mulherengo* é o termo *galinha* que se mostrou bastante presente na representação do pensamento do senso comum sobre o homem solteiro.

Outro termo que se mostrou muito presente na representação do homem solteiro no pensamento do senso comum do estudo 02, foi à questão da *seletividade/opção*. Esse resultado é reforçado pelo estudo 01, no qual esse termo também aparece na zona de contraste tanto na avaliação dos homens, como na avaliação das mulheres.

Como já mencionado anteriormente, enquanto para os homens a questão da opção/seletividade é vista de uma maneira positiva, essa mesma característica é considerada como um dos motivos que leva a mulher a permanecer solteira.

E por último, o elemento *homossexualidade* também foi comum aos dois estudos. Apesar desse termo aparecer de forma periférica no estudo 01, ele foi muito citado pelos participantes do estudo 02, como sendo uma das principais representações que formam a imagem do homem solteiro acima dos quarenta anos que ainda não casou e não teve filhos.

Entretanto, os resultados revelam que o *status social* do casamento, ainda é bastante valorizado em nossa sociedade, uma vez que a solteirice masculina também não é vista de uma maneira positiva.

Diante da discussão integrada apresentada acima, é importante ressaltar que os dois estudos também apresentam em comum à questão de que mesmo

que as representações sociais de homens e mulheres sejam negativas, a mulher ainda é representada com mais elementos negativos.

Logo, apesar das conquistas femininas terem possibilitado a ampliação da autonomia, o aumento do grau de escolaridade das mulheres e maiores chances de fazer escolhas, permitindo que a mulher ficasse mais *focada no trabalho*, e conseqüentemente mais *independente*, a mulher ainda sofre pressão social, uma vez que a sociedade ainda define como ideal feminino de felicidade o matrimônio e a formação de uma família.

Dessa forma, as mulheres que não cumprem com os papéis socialmente prescritos continuam sendo alvos de estereótipos. A condição de estar solteira no caso das mulheres, continua associada às expressões pejorativas “ficou para titia”, “enclhada”, “solitária”, “infeliz”, “problemática”, conforme estudo mencionado de Andrade (2012).

Assim, apesar de todas as mudanças que vem ocorrendo nos últimos tempos, às crenças prescritas pelo modelo patriarcal ainda se encontram latentes no pensamento do senso comum de homens e mulheres. Com isso, os homens e mulheres que não estabelecem a configuração de família nuclear tradicional, caracterizado pelo casamento heterossexual indissolúvel e pelos papéis do homem como provedor e da mulher como dona de casa e mãe, são representados de forma negativa.

Logo, como Psicólogos Sociais devemos assumir o compromisso social de provocar discursos alternativos que questionem a ordem dominante que estereotipa homens e mulheres que não seguem as regras de uma sociedade patriarcal e heteronormativa, buscando a desconstrução de estruturas sociais e

práticas pessoais que sustentam o sexismo e funcionam como instrumento de controle social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nos propusemos a compreender as práticas e as vivências da solteirice para homens e mulheres entre 40 e 60 anos que estão nessa situação, além de verificar possíveis estereótipos presentes na sociedade sobre homens e mulheres acima de 40 anos que estão solteiros a Teoria das Representações se mostrou adequada para a análise dos dados.

No que tange à questão da revisão de literatura, encontramos poucos estudos que abordem o fenômeno da solteirice, principalmente estudos que abordem a solteirice masculina, estando mais concentrados em trabalhos acadêmicos que resultaram em dissertações e teses.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram adequados para captar as representações sociais de homens e mulheres sobre a solteirice feminina e masculina. No estudo 02, encontramos muita dificuldade em conseguir participantes para responder o roteiro de entrevista. No geral, tivemos mais voluntários do sexo masculino do que do sexo feminino, entretanto, quando ligávamos para confirmar o dia e o horário da entrevista, muitos participantes davam desculpas e cancelavam a entrevista.

De maneira geral, consideramos que conseguimos alcançar os objetivos propostos para os dois estudos, mas devido à limitação do número de entrevistados novos estudos devem ser realizados para melhor compreensão do fenômeno da solteirice. Cabe ressaltar ainda o nível socioeconômico e de escolaridade dos participantes do estudo 2, variáveis que podem ter contribuído para os resultados encontrados.

Logo, apesar de termos participantes com nível socioeconômico e de escolaridade tão elevado, é muito interessante pensar que mesmo com a possibilidade de trânsito no espaço público, principalmente para a classe média/média alta, que repercutem em carreiras bem-sucedidas e um lugar de destaque no mercado de trabalho, ainda persiste a cobrança de que o lugar na esfera doméstica continue a ser ocupado pela mulher, e que nesse espaço os papéis de gênero continuam bastante cristalizados.

Tanto homens como mulheres que de certa forma subvertem esses lugares tradicionais atribuídos aos gêneros, que existe uma justificativa social para essa transgressão, que é marcada pelos estereótipos negativos.

Esse conjunto de elementos que, organizados, apontam para uma representação social estereotipada e negativa sobre esses indivíduos, servem para explicar porque esses indivíduos não se enquadraram nessa normatividade que regulam os relacionamentos românticos e os papéis de gênero. Eles não se enquadram porque têm características individuais que não permitem cumprir esses papéis. Talvez por isso haja também um destaque para as características de “personalidade”.

Dessa forma, o tema da solteirice tem muito a contribuir para o campo de estudos da Psicologia Social, uma vez que se trata de um objeto de pesquisa que durante muito tempo foi negligenciado pela sociedade. Antigamente, falar do celibato era visto com muita estranheza. Diante disso, sugerimos que mais pesquisadores se debrucem sobre o tema, com o intuito de ampliar a discussão sob o assunto e possibilitar que as pessoas que vivem nessa condição sejam respeitadas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das Representações Sociais. In A. S. P. Moreira, & D. C. Oliveira. (Orgs.), *Estudos Interdisciplinares de Representação Social* (pp. 27-38). Goiânia: AB editora.
- Alves-Mazzotti, A. J. (2008). Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Revista Múltiplas Leituras*, 1(1), 18-43.
- Andrade, D. S. V. (2007). *Dando voz à diversidade: um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.
- Andrade, D. S. V. (2012). *A “Solteirice” em Salvador: desvelando práticas e sentidos entre adultos/as de classes médias*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.
- Andrade, D. S. V., & Santos, H. M. dos (2013). *Gênero na Psicologia: articulações e discussões*. Salvador: Fast Design.
- Araújo, C., & Scalon, C. (2005). Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In C. Araújo, & C. Scalon (Orgs.), *Gênero, família e trabalho no Brasil* (pp. 15-78). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Arruda, A., Gonçalves, L. P. V., & Mululo, S. C. C. (2008). Viajando com jovens universitários pelas diversas brasileiras: representações sociais e estereótipos. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 503-511.
- Baptista, M. M. (2004). O poder e a persistência dos estereótipos. In A. D. Barker (Org.), *Estereotipia e representação social - uma abordagem psicossociológica*. Portugal: Universidade de Aveiro Editora.

- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 7.
- Belo, R. P., Souza, T. R., & Camino, L. (2010). Análise de repertórios discursivos sobre profissões e o sexo: um estudo empírico na cidade de João Pessoa. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 23-31.
- Bordini, G. S. & Sperb, T. M. (2012). Concepções de Gênero nas Narrativas de Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 738-746
- Campelo, M. L. de A. (2006). “Solteironas eram nossas avós!” *Um estudo sobre a mulher que permanece solteira na classe média carioca*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Chaves, A. M., & Silva, P. L. (2011). Representações Sociais. In. L. Camino, M. E. Pereira, M. E. O. Lima & A. R. R. Torres (Orgs.), *Psicologia Social: Teorias e Temas* (pp. 299-349). Brasília: Technopolitik Editora.
- Coutinho, S. M. dos S., & Menandro, P. R. M. (2009). *A dona de tudo: um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa*. Vitória: GM Editora
- Falcke, D., & Zordan, E. (2010). Amor, Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros. *Arquivos brasileiros de Psicologia*, 62(2), 143-155.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(002), 379-394.
- Filho, A. T. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, (24), 127-152.

- Franco, T. (2004). Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência. *Cadernos de Pesquisa*, 34(121), 169-186.
- Galinkin, A. L., Santos, C., & Fellows, A. Z (2010). Estudos de Gênero na Psicologia Social. In. A. L. Galinkin, & C. Santos (Orgs.), *Gênero e psicologia social: interfaces* (pp. 17-29). Brasília: Technopolitik Editora.
- Guareschi, N. M. de F., Oliveira, F. P. de., Giannechini, L. G., Communello, L. N., Nardini, M., & Pacheco, M. L. (2002). A rua, a casa e a escola: a construção de identidade de meninos e meninas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(2), 1-12.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010a). *Recenseamento Geral do Brasil*. Acessado em 19 de outubro de 2012, de http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2240&t=censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-13-casamentos-sao-mais-frequentes
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010b). *Censo Demográfico 2010: Nupcialidade, fecundidade e migração*. Acessado em 19 de outubro de 2012, de ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Nupcialidade_Fecundidade_Migracao/censo_nup_fec_mig.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010c). *Censo Demográfico 2010: Educação e deslocamento*. Acessado em 19 de outubro de 2012, de http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/545/cd_2010_educacao_e_deslocamento.pdf

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010d). *Censo Demográfico 2010: Trabalho e Rendimento*. Acessado em 19 de outubro de 2012, de http://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/periodicos/1076/cd_2010_trabalho_rendimento_amostra.pdf
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir
- Jablonski, B. (2005). Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências? In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 93-110). Rio de Janeiro: PUC-Rio
- Jablonski, B. (2010). A Divisão de Tarefas Domésticas entre Homens e Mulheres no Cotidiano do Casamento. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Jesus, J. G. de (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília.
- Jodelet, D. (2001). Representações Sociais: Um Domínio em Expansão. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro, RJ: Eduerj
- Gonçalves, E. (2007). *Vidas no singular: noções sobre “mulheres só” no Brasil contemporâneo*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Gonçalves, E. (2011). Novas solteiras: ecos do feminismo na mídia brasileira. *Cadernos de pesquisa*, 41(142), 162-187.
- Krüger, H. (2004). Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In. M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.), *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 23-40). Salvador: EDUFBA.

- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178.
- Lauretis, T. de (1994). A tecnologia do gênero. In: Hollanda, H. B. de (Org), *Tendências e impasses: o feminismo com crítica da cultura* (pp. 206-241). Rio de Janeiro: Rocco.
- Leite, F. (2008). Comunicação e cognição: os efeitos da propaganda contra-intuitiva no deslocamento de crenças e estereótipos. *Ciências & Cognição*, 13(1), 131-141.
- Leite, C. M. B. (2011). Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos. *Estudos da Língua(gem)*, 9(1), 91-104.
- Machado, V., & Seffner, F. (2013). Florianópolis 1889/1930: estratégias de produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subordinadas. *História (São Paulo)*, 32(1), 354-376.
- Matos, M. (2005). A democracia não deveria parar na porta de casa: a criação dos índices de tradicionalismo e de destradicionalização de gênero no Brasil. In: C. Araujo, & C. Scalon (Orgs.), *Gênero, família e trabalho no Brasil* (pp. 89-122). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Menin, M. S. S. (2006). Representação Social e Estereótipo: A Zona Muda das Representações Sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 43-52.
- Menin, M. S. S. (2007). O aspecto normativo das representações sociais: comparando concepções. *Revista de Educação Pública*, 16(30), 121-135.
- Moscovici, S. (2003). O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici (Org.), *Investigações em Psicologia Social* (pp. 29-109). Petrópolis: Vozes

- Oliveira, D. C. de., Marques, S. C., Gomes, A. M. T., & Teixeira, M. C. T. V. (2005). Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira (Org.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 573-603). João Pessoa: UFPB/Editora Universitária.
- Osterne, M. do S. F. (2001). Desvendando categorias teóricas: o masculino e o feminino no habitus familiar da pobreza. In M. dos S. F. Osterne (Org.), *Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina* (pp. 116-131). Fortaleza: Eduece
- Pérez-Nebra, A. R. & Jesus, J. G. de (2011). Preconceito, estereótipo e discriminação. In C. V. Torres, & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 219-237). Porto Alegre: Artmed.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP* 12(1), 2-17.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 122-137). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (1999). Preconceitos, estereótipos e discriminação. In A. Rodrigues, E. M. L. Assmar & B. Jablonski (Orgs.), *Psicologia Social* (pp. 135-163).
- Sá, C. P. (1993). Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In M. J. Spink (Org.), *O conhecimento no cotidiano: as representações*

- sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 19-45). São Paulo: Brasiliense.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj
- Sá, C. P. (2002). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, I. C. L. dos (2012). *“Antes só do que mal (ou bem) acompanhada”*: um estudo sobre a representação social da mulher solteira no mundo feminino. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Santos, M. de F. de S., & Almeida, L. M. (2005). A Pesquisa Em Representações Sociais: Proposições Teórico-metodológicas. In. M. de F. de S. Santos, & L. M. Almeida (Orgs.), *Diálogos com a Teoria da Representação social* (pp. 119-160). Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Serpa, M. G. (2010). Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 14-22.
- Silva, S. S. da C., Pontes, F. A. R., Lima, L. C., & Maluschke, J. B. (2010). Rede Social e Papéis de Gênero de Casais Ribeirinhos de uma Comunidade Amazônica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(4), 605-612.
- Sorj, B. (2005). Percepções sobre esferas separadas de gênero. In. C. Araujo, & C. Scalon (Orgs.), *Gênero, família e trabalho no Brasil* (pp. 79-88). Rio de Janeiro: Editora FGV.

- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tavares, M. S. (2008). *Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.
- Tavares, M. S. (2010). Casar é preciso? Viver não é preciso! Revendo a solteirice na família e no trabalho. *Revista de Estudos Interdisciplinares*, 12(1), 103-123.
- Tavares, M. (2011). Sexo, afeto e solteirice: intersecções de gênero, raça e geração entre mulheres de classe média. In A. Bonneti., & A. M. F. de L. e Souza (Orgs.), *Gênero, mulheres e feminismos* (pp. 93-114). Salvador: Edufba.
- Techio, E. M. (2011). Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In E. M. Techio, & M. E. O. Lima (Orgs.), *Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceitos* (pp. 21-76). Brasília: Technopolitik.
- Trindade, Z. A. (1996). Representação Social: modo de conhecer no cenário da saúde. *Coletâneas da ANPPEP*, 1(6) 45-60.
- Trindade, Z. A., & Enumo, S. R. F. (2002). Triste e Incompleta: uma visão feminina da mulher infértil. *Psicologia USP*, 13(2), 151-182.
- Trindade, Z. A., Nascimento, A. R. A. do., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2006). Resistência e mudança: representações sociais de homens e mulheres ideais. In A. M. de O. Almeida., M. de F. de S. Santos., G. R. S. Diniz., & Z. A. Trindade (Orgs.). *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano*.

Estudos em representações sociais (pp. 187-213). Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Vieira, E. N. (2008). "*Guarda Paterna e Representações Sociais de Paternidade e Maternidade*". Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.

Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76.

7. APÊNDICES

7.1. Apêndice A – Instrumento de Coleta de dados do Estudo 1

Questionário nº: _____

1. Dados sócio-demográficos:

Idade: _____ Estado civil: _____

Sexo: () Feminino

() Masculino

Profissão: _____ Renda familiar: _____

Escolaridade: () Ensino fundamental completo ou cursando

Qual a série? _____

() Ensino superior completo ou cursando

Qual o curso? _____

Qual o período? _____

2. Roteiro de evocação

2.1 Por favor, escreva rapidamente cinco palavras, expressões e sentimentos que lhe vem a cabeça, quando você lê a seguinte expressão:

Mulher com mais de 40 anos que nunca casou:

_____ ()

_____ ()

_____ ()

_____ ()

_____ ()

Dessas palavras que você escreveu, qual considera mais importante e por quê?

Homem com mais de 40 anos que nunca casou:

_____ ()

_____ ()

_____ ()

_____ ()

_____ ()

Dessas palavras que você escreveu, qual considera mais importante e por quê?

2.2 Agora, enumere todas as palavras, classificando-as da mais importante para a menos importante. Ex: 1 para a palavra mais importante, 2 para a segunda, e assim por diante até 5.

2.3 Você conhece alguma pessoa com mais de 40 anos que nunca tenha casado? Você pode me dizer como que essa pessoa é? Descreva as características dessa pessoa.

7.2. Apêndice B – Instrumento de Coleta de dados do Estudo 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Dados sócio-demográficos:

Idade: _____ Estado civil: _____

Sexo: () Feminino

() Masculino

Profissão: _____ Renda familiar: _____

Escolaridade: () Ensino fundamental completo ou cursando

Qual a série? _____

() Ensino superior completo ou cursando

Qual o curso? _____

Qual o período? _____

Mora sozinho (a) ou com outras pessoas?

2. Roteiro

- Listar todos os seus familiares mais próximos (avós, avôs, pai, mãe, irmãos e sobrinhos).
- Dessas pessoas que você listou, com quem você tem um relacionamento mais próximo e como é esse relacionamento.
- Ser solteiro (a) é ser:
- Você já pensou alguma vez em se casar? Por quê você não casou?
- Você é cobrado (a) pela sua família e amigos?
- Você já teve vontade de ter filhos?
- Você acha que a sua profissão influenciou no seu estado civil?
- Quais são as vantagens de ser solteiro (a)?

- Quais são as desvantagens de ser solteiro (a)?
- Atualmente você está namorando? Caso esteja namorando, perguntar há quanto tempo e como é esse relacionamento. Caso não esteja, perguntar qual foi a última vez que namorou, por quanto tempo e como foi o relacionamento.
- Você acha que existe relacionamento ideal?
- Descreva como é a sua rotina diária.
- O que você faz nas suas horas de lazer?
- Você acha que as pessoas acima dos 40 anos que não casaram são discriminadas? Você já se sentiu assim em alguma situação? Dê um exemplo.

7.3. Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a):

Vimos, através deste documento, convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada sob a orientação da Prof^a. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, Zeidi Araujo Trindade e pela mestranda Carolina Lemos Cravo. Esta pesquisa tem como objetivo compreender as representações sociais e as vivências de solteirice para homens e mulheres entre 40 e 60 anos que estão nessa situação. Sua participação é voluntária e os dados da entrevista são confidenciais, sendo analisados apenas pelas pesquisadoras e sem identificação dos participantes. Para garantir maior eficácia na análise de dados, solicitamos sua autorização para gravação do áudio. Os dados da pesquisa podem vir a ser publicados e divulgados, garantindo o anonimato dos participantes. Não existem respostas certas ou erradas. É muito importante que você dê a sua opinião sincera. Não há riscos envolvidos ou despesas e você poderá, a qualquer momento, recusar-se a responder ou desistir da sua participação. Acreditamos também que o desconforto será mínimo, apenas de responder a algumas questões sobre sua história de vida.

Quaisquer informações adicionais ou esclarecimentos acerca dessa pesquisa poderão, a qualquer momento, ser obtidos junto à mestranda Carolina Lemos Cravo, através do e-mail carolina_cravo@hotmail.com

Eu, _____ considero-me informado (a) sobre a pesquisa. Aceito participar e consinto que a entrevista seja utilizada para a análise de dados da pesquisa.

Data ____/____/____.

Contato: E-mail: _____ /

Telefone(s): _____

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura do pesquisador